

Vem e vê, vai e apresenta

Uma análise contextual da missão soteriológica do povo de Deus nas duas alianças

André R. Fonseca

Vem e vê, vai e apresenta

Uma análise contextual da missão soteriológica do povo de Deus nas duas alianças

André R. Fonseca

FONSECA, André Ribeiro

F676v – Vem e vê, vai e apresenta: uma análise contextual da missão soteriológica do povo de Deus nas duas alianças / André Ribeiro Fonseca – 2017, 51 p.

1. Missiologia. 2. Testamentos. 3. Teologia Bíblica. I. Título

CDU 2-76 | CDD 266

ISBN 978-85-919135-3-4

Copyright 2017 © Todos os direitos reservados.

O autor é membro da Igreja Batista Jardim Santíssimo, bacharel em teologia no Seminário Teológico Batista Carioca, pós-graduando em teologia bíblica no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper – Mackenzie e mestre em teologia bíblica na Faculdade Educacional de Teologia.

TRADUÇÕES BÍBLICAS UTILIZADAS NAS CITAÇÕES:

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje, SBB.

ARA – Almeida Revista e Atualizada, SBB.

ARC – Almeida Revista e Corrigida, SBB.

AS21 – Almeida Século 21, Vida Nova.

NVT – Nova Versão Transformadora, Mundo Cristão.

*Vitalino Vicente Fonseca,
querido e amado pai.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os amigos que sempre me incentivam e cooperam com meu progresso. Agradeço meus parceiros de caminhada de vida cristã mais antigos, Maxwell Dias e Daniel Alves, não só pela companhia e suporte nessa caminhada, mas também por lerem sempre com muita alegria e atenção todos os meus trabalhos teológicos. Agradeço também as contribuições com leituras, sugestões e pesquisas dos amigos Clóvis Gonçalves, César Francisco Raymundo e Leonardo Rosa.

Sou infinitamente grato pelo apoio que encontro em casa de minha esposa e filha, Andréa e Mayssa. Preciso enfatizar que minha dedicação não seria possível sem a dedicação e cooperação da família. Que o Senhor lhes retribua em porção dobrada!

Não poderia deixar de demonstrar gratidão pelos meus pais que, infelizmente pelos motivos de saúde que os impedem de participação maior em minha vida hoje, ainda se fazem presentes pela educação que proporcionaram.

Quer sejam amigos ou familiares, condições materiais ou imateriais, todas as coisas vêm das mãos do SENHOR. Agradeço a Deus por sua graciosa providência!

NOTA DO AUTOR

Este e-book é resultado da minha pesquisa e elaboração da dissertação de mestrado (intracampus) na Faculdade Educacional de Teologia. Como busco a especialização em Teologia Bíblica também na pós-graduação em andamento no Mackenzie (Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper), este trabalho tem por objetivo desfazer certos equívocos sobre o papel missiológico do povo de Deus nos contextos particulares de cada Testamento utilizando a Teologia Bíblica como principal recurso na interpretação dos textos.

Sempre busco utilizar o contexto maior para analisar e interpretar contextos menores; ou seja, o contexto teológico, social ou cultural de uma época e povo, o contexto do autor, o contexto de ocasião e, por fim, o contexto da perícopa e versículo. Isso justifica minha busca pelo henoteísmo para contextualizar a cosmovisão do povo de Deus no período patriarcal até o pré-exílico, por exemplo.

A Teologia Bíblica impõe a necessidade de considerar a revelação de Deus na história de forma progressiva. Esta, talvez, seja a premissa mais evidente em todo o meu labor para explicar por que não se deve forçar a interpretação do Antigo Testamento com o nosso entendimento do Novo Testamento. Por fim, quero orientar que meu trabalho parte de uma faceta do tema dominante no *mitte* paulino conhecido como o “mistério”, com o texto base utilizado na epígrafe (Efésios 3:1-13).

Para conseguir cumprir com o compromisso acadêmico no devido prazo, precisei produzir o mínimo necessário no curto tempo que dispunha para elaborar e escrever a dissertação. Confesso que alguns assuntos precisariam ser aprofundados e demandariam um pouco mais de pesquisa para citar outras fontes de apoio. Contudo, espero que este trabalho seja suficiente para servir de iniciação para outros estudos que possam complementar meu trabalho nesse mesmo tema.

EPÍGRAFE

“Por essa razão eu oro a Deus, [...], que estou preso por causa de Cristo Jesus para o bem de vocês, os não judeus. Com certeza vocês já sabem que Deus [...] me revelou o seu plano secreto e fez com que eu o conhecesse. [...] No passado esse segredo não foi contado aos seres humanos, mas agora, por meio do seu Espírito, Deus o revelou aos seus santos apóstolos e profetas. O segredo é este: por meio do evangelho os não judeus participam com os judeus das bênçãos divinas. Eles são membros do mesmo corpo e participam da promessa que Deus fez por meio de Cristo Jesus.

Graças ao dom que Deus, na sua bondade, me deu [...] o privilégio de fazer com que todos vejam como se realiza o plano secreto de Deus. Deus, que criou tudo, escondeu esse segredo durante os tempos passados. E isso aconteceu a fim de que agora, por meio da Igreja, as autoridades e os poderes angélicos do mundo celestial conheçam a sabedoria de Deus em todas as suas diferentes formas. Deus fez isso de acordo com o seu propósito eterno, que ele realizou por meio de Cristo Jesus, o nosso Senhor. [...] Portanto, eu lhes peço que não desanimem por causa dos meus sofrimentos por vocês, pois eles lhes trazem benefício.” [NTLH]

Paulo de Tarso

Efésios 3:1-13

ABREVIATURAS

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

AS21 – Almeida Século 21

NVT – Nova Versão Transformadora

ARA – Almeida Revista e Atualizada

LXX – Septuaginta

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1 A Missão do Povo de Deus no Contexto Neotestamentário	11
1.1 A inclusão dos gentios nos Evangelhos e Atos.....	12
1.1.1 Evangelho de João	12
1.1.2 Evangelho de Marcos	14
1.1.3 Evangelho de Lucas	14
1.1.4 Atos dos Apóstolos	15
1.2 Os gentios nas epístolas gerais e apocalipse.....	16
1.3 Os gentios no ministério paulino.....	18
1.3.1 O segredo de Deus	19
2 A missão do povo de Deus no contexto veterotestamentário.....	22
2.1 A cosmovisão henoteísta no Antigo Testamento.....	22
2.2 Um plano da redenção étnico.....	27
2.3 Vem e vê.....	28
3 Vem e vê, vai e apresenta	31
3.1 Uma releitura do discurso paulino	32
3.1.1 O discurso de Atenas hoje	34
3.2 As declarações de Davi e Salomão.....	35
3.3 O que dizer do movimento proselitista de Mateus 23:15?.....	39
3.4 O que dizer de Jonas e os ninivitas?	43
Conclusão	45
Referências Bibliográficas	48

INTRODUÇÃO

O Novo Testamento faz muitas referências ao Antigo Testamento, e o próprio advento da Nova Aliança se torna, aos olhos dos autores neotestamentários, um cumprimento ou continuidade renovada da Velha Aliança – quer pelo cumprimento profético ou tipológico, como Mateus faz repetidas vezes em sua narrativa, quer pela renovação do plano de Deus em substituição do velho pelo novo, como na comparação entre as alianças que Jesus Cristo propõe usando as metáforas de remendos e odres velhos e novos. É, portanto, comum a interpretação equivocada do Antigo Testamento sob a luz do Novo Testamento pelos leitores da bíblia e, até mesmo, por alguns teólogos hodiernos. Dada a ênfase neotestamentária da proclamação das boas novas de Cristo para todos os povos, não são poucos aqueles que defendem uma realidade veterotestamentária similar, i.e., acredita-se que houve uma chamada missiológica no Antigo Testamento à semelhança do Novo Testamento. A ordem de “evangelizar” as nações, que antes fora entregue aos judeus, agora, na nova aliança, teria sido entregue à Igreja.

Isso quer dizer que haveria apenas a mudança de agentes entre os testamentos, mas a missão inicial de evangelizar todos os povos teria permanecido intocada nas duas alianças. Tal ideia implicaria, também, o reconhecimento de fragorosa derrota dos judeus, povo eleito na antiga aliança étnica, em cumprir sua missão “evangelizadora”, supostamente forçando Cristo a repassar a tarefa missionária às mãos da Igreja, o novo povo eleito da nova aliança no Seu sangue.

Contudo, como sobredito equívoco, esse entendimento de “chamado missiológico” no Antigo Testamento nos mesmos termos do Novo Testamento pode ser uma obscuridade interpretativa por ignorar a teologia particular de cada testamento. Consequentemente, uma análise contextual da missão soteriológica do povo de Deus nas duas alianças, em harmonia com a revelação progressiva do plano de Deus para a redenção da humanidade, deve passar pelo crivo da teologia bíblica.

1 A MISSÃO DO POVO DE DEUS NO CONTEXTO NEOTESTAMENTÁRIO

Pertencemos a uma religião conhecida como judaico-cristã por ter no judaísmo as bases que sustentam a fé cristã. Quando os evangelistas escreveram suas narrativas da história do Messias, havia, aproximadamente, um lapso mínimo de 30 anos entre os fatos históricos e o registro escrito. Isso significa que os relatos, assim como averbados nos Evangelhos, refletem um conjunto de crenças que, até certo ponto, já estavam amadurecidos, consolidados pela tradição. É bem verdade que os evangelistas corrigiram possíveis rumores ou equívocos dos ensinamentos do Mestre ao escreverem para seus destinatários, como, por exemplo, o apóstolo João, que escreve seu evangelho com o objetivo de apresentar um Cristo como Deus encarnado para combater uma possível crença proto-gnóstica em sua comunidade cristã; ou como aponta D. A. Carson (2007, p. 682) em seu comentário a respeito de João 21:23 que trata da morte do discípulo amado:

“O dito tornou-se um apoio irrefletido, mas influente para aqueles cuja ansiedade pela parúsia não era limitada pelas cuidadosas restrições impostas por, digamos, 1 Tessalonicenses 4.13-18 e 2 Tessalonicenses 2. Enquanto o discípulo amado estava vivo, o entendimento que eles tinham da iminência da parúsia era de que esta podia crescer com o avanço na idade do discípulo, até alcançar um nível febril. Uma vez que ele morreu (tenha a morte ocorrido na época da escrita ou não), a fé deles sofreria um forte choque e os inimigos do evangelho poderiam sorrir pelos cantos. E, assim, o evangelista aponta cuidadosamente o que Jesus disse e não disse”.

Com a ideia de que os evangelistas escreveram sobre uma nova aliança de Deus com seu povo já inaugurada por Cristo em sua obra realizada 30 anos antes, podemos identificar a inserção dos gentios no plano de salvação de Deus com os judeus como o cerne da nova aliança inaugurada em Seu sangue. Portanto, a missão soteriológica, i.e., a missão de evangelizar para conversão e discipulado de judeus e gentios não é ideia paulina, o que será abordado mais tarde; mas sim a essência da nova aliança que vai se desenhando nos evangelhos até sua realização máxima expressada na grande comissão como registrada pelos evangelistas¹.

¹ Os escritos paulinos são anteriores aos evangelhos, mas refiro-me à ordem cronológica dos eventos narrados.

1.1 A inclusão dos gentios nos Evangelhos e Atos

Analisando a narrativa dos evangelhos, percebemos que não se trata de mera apresentação de um personagem principal, os evangelhos não são, simplesmente, obras biográficas de um Jesus histórico. Ele é sim o protagonista da narrativa, mas suas obras são tão importantes quanto ele. Sua realização é justamente aquilo que o diferencia dos demais seres humanos. Sem as obras que revelam sua natureza divina, Jesus não passaria mesmo do Jesus histórico – um revolucionário, grande sábio, apenas um mortal à frente de seu tempo.

Os evangelistas sinóticos evidenciam a natureza divina do Jesus histórico ao registrarem, por exemplo, Mateus 16:13-20, Marcos 8:27-30 e Lucas 9:18-21, a declaração de Pedro: Jesus não é mero profeta como Elias ou Jeremias, ele é o Filho do Deus vivo! Seus milagres ou o perdão de pecados são coisas que só Deus pode fazer. Identificam sua verdadeira natureza para além de sua humanidade quando registram a expressão escatológica “Filho do homem”, uma possível ligação a Daniel 7:13-14 (cf. CARSON, 2010, pp. 253-258), ou empregam o título “Filho de Deus”, nascido de uma virgem, ressuscitado dentre os mortos.

1.1.1 Evangelho de João

No evangelho segundo João, Jesus é a Palavra que estava com Deus e era Deus. É o próprio Deus que se tornou humano e “tabernaculou” [ἐσκήνωσεν] entre nós (João 1:1-14). Ele é o EU SOU [ἐγὼ εἰμι] de Êxodo 3:14 que antecede Abraão (8:58), o qual tem, na realização de suas obras, a revelação de sua verdadeira natureza divina: “Jesus fez seu primeiro milagre em Caná da Galileia. Assim ele revelou a sua natureza divina... Pai, chegou a hora. Revela a natureza divina do teu Filho” (2:11 e 17:1 – NTLH). João revela seu objetivo ao escrever seu evangelho: convencer seus leitores de que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. É importante ressaltar como isso está apoiado na realização de suas obras:

“Jesus fez diante dos discípulos muitos outros milagres que não estão escritos neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, crendo, tenham vida por meio dele” (João 20:30-31 – NTLH).

Justificada a ênfase em sua obra, é possível destacar uma realização única do Cristo que pode ser tão marcante quanto a mudança da Lei para a Graça entre testamentos: a inserção dos gentios na aliança de Deus com seus eleitos para a salvação. Essa “grande virada” no plano de salvação de Deus parece ganhar ênfase como o ápice da narrativa de João quando Jesus é procurado pelos gentios. Por diversas vezes, João enfatiza que certos eventos poderiam ter precipitado a “hora” de Cristo, mas que, por intervenção divina, nada se

concretizava, independente da vontade humana, porque sua “hora” não era chegada, como podemos ver em 2:4, 7:30 e 8:20. Em João 12:20-23, encontramos, pela primeira vez, Cristo declarando que sua “hora” era chegada, marcada por um evento singular: o interesse dos gentios nele exatamente quando o ponto máximo de sua rejeição pelos judeus se dava no âmbito das autoridades judaicas.

“Jesus, estritamente falando, não atende ao pedido direto dos gentios, mas à situação que o pedido deles representa. No exato momento em que as autoridades judaicas estão se voltando mais violentamente contra ele, alguns gentios começam a clamar por sua atenção. [...] por intermédio de sua morte e ressurreição, agrega em sua comunidade da aliança grande número de gentios que haviam sido anteriormente excluídos do povo da aliança. Nessa instância, entretanto, a abordagem dos gregos é para Jesus um tipo de gatilho, um sinal de que a hora do ápice já raiou” (CARSON, 2007, p.437).

Essa tensão entre a rejeição dos judeus e a receptividade dos gentios é marcada por João desde o início de sua narrativa. Alguns destaques são: “... veio para o seu próprio país, mas o seu povo não o recebeu...” (1:11 - NTLH); seu encontro com a mulher samaritana no capítulo 4 revela certo contraste entre os samaritanos que creram nele e a hostilidade dos judeus como registrada no capítulo anterior. De volta a Jerusalém, no capítulo 5, temos crescente oposição que se desenrola até o pronunciamento de total fracasso dos judeus em crer nele, como registrado em João 12:36-43. Quanto à receptividade dos gentios, João destaca que os verdadeiros filhos de Deus não são nascidos pela vontade da carne ou do sangue, uma referência à eleição étnica do povo de Deus, mas por meio da fé, o que ecoa no capítulo quarto na fé dos samaritanos, vale ressaltar a declaração: “ele é, de fato, o Salvador do mundo” (4:41 – NTLH). Em João 3:16, talvez o verso mais conhecido de toda a Bíblia, Cristo é apresentado como o salvador do mundo, i.e. todos os povos, e não apenas de Israel como naturalmente pensaria um doutor da Lei como Nicodemos (cf. FONSECA, 2015).

A inclusão dos gentios no plano de salvação de Deus está presente também nos evangelhos sinóticos. Além de registrar o interesse dos magos do oriente pelo nascimento do Messias judeu, Mateus deixa claro que o cumprimento messiânico tem por objetivo cumprir promessas de bênçãos para os gentios feitas a Abraão (Mateus 3:9 e 8:11). A genealogia de Mateus inclui gentios na linhagem messiânica, e a expressão “seu povo” em Mateus é entendido por alguns estudiosos como o “povo do messias”, composto por judeus e gentios e não, necessariamente, como referência ao povo judeu (cf. CARSON, 2010, p. 102). Analisando a narrativa mateana, podemos ver que Jesus inicia seu ministério na Galileia dos gentios (9:1), incluindo Decápolis, a leste da Galileia, as dez cidades densamente povoadas por gentios. A fé do centurião romano evidencia o movimento do evangelho dos judeus para os

gentios, ainda mais se considerarmos o desfecho da perícopé (8:11-12), no qual os gentios são incluídos por Jesus no banquete, referência à profecia messiânica de Isaías 25:6-9. Há uma série de parábolas (cf. Mateus 21 e 22) que apresentam a rejeição do messias pelo povo eleito na antiga aliança abrindo espaço para a inclusão dos gentios e, por fim, temos a grande comissão com a clara ordem de evangelizar e fazer discípulos de todas as nações. Não é por menos, então, que Gundry (1998, pp. 65-66) evidencia a grande atenção de Mateus aos gentios quando comenta sobre a autoria do evangelho, apontando Antioquia como lugar de escrita, lugar onde estava a igreja local que enviara Paulo em sua missão aos gentios.

1.1.2 Evangelho de Marcos

O evangelho de Marcos tem os gentios como leitores. Foi escrito, provavelmente, em Roma, em companhia de Pedro, que teria sido sua fonte, uma vez que não foi testemunha ocular dos eventos que narra em seu evangelho. O latinismo presente no seu escrito tem sido apontado por muitos como evidência que seu público-alvo era alguma comunidade cristã gentia em Roma (cf. MOO e CARSON, 2005, p. 183). Não há uma genealogia em Marcos. Ignorando a possibilidade de ter sido omitida por ter sido o primeiro evangelho escrito a partir do documento Q, que seria apenas uma coleção de ditos de Jesus e, portanto, deficiente desse tipo de informação para a redação de Marcos, dada sua aproximação com Pedro, que poderia ter influenciado e fornecido essa informação, o mais provável é especular que seus leitores teriam pouco interesse nessa genealogia por serem gentios. Boa parte da narrativa de Marcos contempla o ministério de Jesus na Galileia, onde havia a maior concentração de gentios na palestina. E o “segredo messiânico”, segundo alguns críticos, pode ter sido a miscigenação de tradição helenística com tradição palestina (cf. HALE, 1983, p. 58).

1.1.3 Evangelho de Lucas

Lucas é gentio e deixa bem claro que sua mensagem tem por objetivo apresentar um salvador para o mundo. Sua genealogia, diferente do foco mateano na origem judaica do messias ligando-o a Davi e Abraão, ainda que inserido alguns gentios na genealogia como mencionado acima, apresenta sua origem em Deus, criador de Adão e Eva, pais de toda a humanidade. Logo no início de seu evangelho, Lucas enfatiza: “luz para revelação aos gentios...” (2:31) e durante toda sua narrativa o autor parece ter a preocupação de mostrar a origem da exclusão dos “judeus” e a inclusão dos gentios. Vejamos o que diz Broadus D. Hale:

“No Evangelho, a preocupação de Jesus por todos os povos é vista desde o começo de seu ministério. Jesus entendia que sua missão era salvar todos, não uma minoria selecionada. Seu senso de missão é visto na pregação na sinagoga (4:14-30). O coração de sua obra cumpre a exigência profética (4:18,19; comp. Is. 61:1 e ss.). Em Lucas 24:44-46, Jesus disse a seus discípulos que tudo o que lhe aconteceria devia ser entendido à luz do que fora escrito acerca dele pelos profetas. Jesus não quis deixar a sinagoga ou o templo; ele foi expulso da sinagoga em Nazaré (4:29), e foi rejeitado no templo em Jerusalém (19:41-48; 23:1,2). Lucas torna claro, tanto no terceiro Evangelho como em Atos, que o cisma existente nos dias de Lucas não fora criado por Jesus nem por seus seguidores. Era auto-exclusão da parte dos judeus. O cristianismo e Jesus não romperam a fé com o verdadeiro Israel; ao tornar-se uma comunhão universal além de todas as distinções artificiais, o verdadeiro Israel encontra sua realização não no judaísmo, mas no movimento cristão” (HALE, 1983, p. 89).

Obviamente, esse movimento cristão inclui os gentios. Lucas é o único a usar o nome “salvador” entre os sinóticos, um título mais adequado para tratar com gentios do que o correspondente “messias”. Seu evangelho se concentra na apresentação das boas novas a judeus e gentios de diversas camadas sociais. É um evangelho universal!

1.1.4 Atos dos Apóstolos

Em Atos dos Apóstolos, o segundo volume da obra lucana, vemos o cumprimento da grande comissão, que objetivava inquestionavelmente a inclusão dos gentios, na prática. Ainda no início de sua narrativa dos atos dos apóstolos após o pentecostes, temos a experiência de Pedro com a salvação de gentios, quando é ensinado que aqueles que eram considerados impuros são, também, alvo da salvação que Deus tem para oferecer ao seu povo (cf. Atos 10). E, talvez, o texto mais significativo após a experiência de Pedro seja o capítulo 13 verso 48: “Quando os não judeus ouviram isso, ficaram muito alegres e começaram a dizer que a palavra do Senhor era boa. E creram todos os que tinham sido escolhidos para a vida eterna” (NTLH).

Diferente da interpretação calvinista do texto, acredito que não há aqui uma referência à eleição de indivíduos para a vida eterna, mas sim uma alusão à inclusão dos gentios na aliança para salvação. Ou seja, não era apenas os judeus escolhidos para herdar a vida eterna, os gentios também eram alvo da salvação oferecida por Deus em seu novo pacto. Os ouvintes da pregação de Paulo eram judeus e homens tementes a Deus², há oposição clara dos judeus à mensagem de Paulo, que enfatiza a necessidade de anunciar salvação aos gentios diante da recusa dos judeus, povo eleito na antiga aliança, e anuncia sua missão: “Eu coloquei você

² É comum assumir que esses “homens tementes a Deus” são prosélitos; contudo, uma nova definição será considerada adiante para o proselitismo no primeiro século. Vale ressaltar que Sturz (2009, pp. 93-94) diferencia esses dois grupos (homens tementes a Deus vs. Prosélitos) em sua leitura de Atos e destaca que Paulo obteve maior êxito missionário entre os homens tementes a Deus que os prosélitos.

como luz para os outros povos, a fim de que você leve a salvação ao mundo inteiro” (13:47 - NTLH). Está claro, portanto, na perícopes que a nova aliança perde sua centralidade no Israel eleito étnico para abranger os gentios sem a necessidade de proselitismo aos judeus. E, é claro, Lucas dedica boa parte de sua segunda obra para falar da missão de Paulo aos gentios a partir desse ponto de sua narrativa. Assim, Lucas dá coesão a sua mensagem, mantendo sua centralidade na participação de judeus e gentios na oferta de salvação das boas novas de Cristo, com os dois personagens mais proeminentes do período apostólico: Pedro e Paulo.

1.2 Os gentios nas epístolas gerais e apocalipse

As epístolas são obras de ocasião. Seus autores foram motivados a escrever para resolver conflitos ou entregar alguma orientação prática para atender necessidades específicas das igrejas destinatárias. Judas, por exemplo, vê-se compelido a escrever por causa da ameaça que os falsos mestres representavam para seus destinatários, cf. versos 3 e 4 da epístola de Judas. É possível, portanto, especular que o tema “gentios como coparticipantes da salvação com judeus” não seja tão prolífero nas epístolas gerais como são nas epístolas paulinas. É sabido que as igrejas assistidas por Paulo eram mistas e apresentavam constantes conflitos entre judeus e não judeus, o que o motivava para escrever sobre o tema visando a harmonia entre os dois grupos. A motivação de elaborar uma teologia apaziguadora entre judeus e gentios pode não ter sido a premente necessidade de autoria das epístolas (aos) Hebreus e Tiago, por exemplo. Considere o que o Comentário Bíblico Beacon traz sobre a datação da epístola de Tiago:

*“As datas mais precoces se baseiam no fato de que na epístola **o autor não faz nenhuma menção do problema da admissão de gentios na Igreja. Sabemos que Tiago estava profundamente preocupado com esta questão numa época posterior.** Aqueles que propõem uma data posterior ressaltam a condição relativamente estabelecida da Igreja refletida na epístola. Tiago não parece estar muito preocupado em colocar os fundamentos e ressaltar doutrinas evangélicas para uma Igreja que está dando seus primeiros passos na fé. Isto favorece a idéia de a epístola ter sido escrita numa data posterior” (TAYLOR et al., 2016, vol. 10, p.148, grifo nosso)*

Defendo uma data de autoria mais precoce para Tiago. Levando em consideração que as primeiras congregações de cristãos eram formadas por judeus, Tiago não teria realmente a necessidade de endereçar quaisquer questões sobre gentios em sua epístola, porque esta seria uma preocupação mais tardia, i.e., depois de sua escrita. Além do mais, Tiago é o único escritor neotestamentário que emprega o termo grego “sinagogue” [συναγωγή] para “igreja”, outra evidência que corrobora com o postulado de que os primeiros cristãos eram judeus convertidos ao cristianismo com a possível minoria de prosélitos estrangeiros congregando

numa sinagoga de convertidos ao cristianismo. Paulo inicia sua jornada evangelística visitando sinagogas para conversão de judeus e prosélitos até que resolve dedicar-se exclusivamente à evangelização de gentios ainda não convertidos ao judaísmo após perceber a boa recepção de sua mensagem por estes e grande resistência por parte dos judeus e até mesmo, possivelmente, dos prosélitos já adeptos de costumes alimentares e litúrgicos, principais temas nos escritos paulinos quando se trata das divergências entre judeus e gentios na igreja.

É possível que alguém apele para a menção que o autor de Hebreus faz de Raabe, mas sua alusão deve ser considerada à luz do contexto da perícopa. Ela fora listada entre os heróis da fé, e, por ter apresentado fé no Deus de Israel, foi participante da antiga aliança e das bênçãos de Deus com os judeus. O objetivo do autor é demonstrar, por meio de exemplos, a supremacia da fé. E, embora tenham sido aprovados por Deus por causa da fé que tiveram, não receberam o que ele havia prometido. O autor conclui: “Deus tinha preparado um plano ainda melhor para nós, a fim de que, somente conosco, elas fossem aperfeiçoadas” (Hebreus 11:40 – NTLH). O proselitismo de estrangeiros, i.e. a conversão de um gentio ao judaísmo para participar das bênçãos da aliança de Deus com seu povo eleito, sempre foi uma possibilidade real, e Raabe encaixa-se perfeitamente a essa condição. Contudo, essa condição viável não era perfeita, seria ainda aperfeiçoada nos dias do autor de Hebreus, na nova aliança. Portanto, o cerne da questão em Hebreus, capítulo 11, é o valor da fé em nossa relação com Deus, não a participação de gentios na aliança. É diferente, por exemplo, do enfoque em Pedro, no qual eleva os não judeus à paridade com os judeus na nova aliança, chamando-os de raça eleita (1 Pedro 2:9), o que era exclusividade judaica na antiga aliança como veremos adiante.

Com essa ressalva sobre a ausência da temática “judeus e gentios” nas epístolas aos Hebreus e Tiago, analisaremos as referências da inclusão dos gentios no grande povo de Deus, junto com judeus, na nova aliança nas epístolas gerais.

Como já foi observado ao comentar sobre a ênfase lucana na inserção dos gentios na nova aliança, especificamente em sua narrativa dos atos dos apóstolos, Paulo é mais rápido que Pedro em sua compreensão da universalidade do evangelho. Pedro progressivamente entende essa proposta universal até seu encontro com Cornélio no décimo capítulo, mas podemos ver que, embora tenha sua ênfase do anúncio das boas novas entre os judeus, vemos sua defesa da missão paulina entre os gentios no capítulo 15, versos 7 a 11, o que denota harmonia teológica entre eles. Não é, portanto, surpresa encontrar consonância entre eles e seus escritos.

Gentios como destinatários originais da primeira epístola de Pedro é inegável, pois são muitas as evidências. Embora Pedro abra sua primeira epístola dirigindo-se aos “eleitos da dispersão... entre gentios” fazendo parecer que se trate apenas de judeus, sua menção ao pecado de idolatria antes da conversão (4:3) não cabe ao perfil de um judeu do primeiro século. As expressões “desejos da ignorância” e “vida inútil” (NTLH) são compatíveis com o uso paulino para se referir aos não judeus, e.g. em Efésios 4:17. E, talvez, o verso de sua primeira epístola que mais claramente denuncia um público de não judeus em mente seja 1 Pedro 2:10: “antes vocês não eram povo de Deus, mas agora são o seu povo” (NTLH). Pedro nunca poderia dizer a judeus participantes do pacto que antes eles não eram povo de Deus. Isso só pode ser aplicado a não judeus! E se gentios não eram povo de Deus na antiga aliança, agora Pedro categoricamente afirma que são povo de Deus na nova aliança.

Os semitismos e citações do Antigo Testamento, presentes no evangelho de João, estão ausentes nas epístolas. Excluindo a possibilidade de autoria distinta, podemos concluir que a diferença se dá pela necessidade de escrever a destinatários gentios não familiarizados com o judaísmo e sua língua (cf. KISTEMAKER, 2006, pp. 273-274). Considerando, pois, que os destinatários de João para suas epístolas são gentios, endereçar sua segunda carta à “Senhora eleita”, entendido por um relevante número de estudiosos como pseudônimo para “igreja”, podemos concluir que essa igreja de não judeus é eleita na nova aliança à semelhança do povo judeu eleito na antiga aliança. Ao escrever Apocalipse, João deixa bem claro que sua mensagem de consolo, embora esteja impregnada de referências ao Antigo Testamento e à história judaica, por isso, possivelmente tenha judeus em mente como destinatários, inclui os gentios no plano final de Deus para a salvação de seu povo:

*“...Tu és digno de pegar o livro e de quebrar os selos. Pois foste morto na cruz e, por meio da tua morte, **compraste para Deus pessoas de todas as tribos, línguas, nações e raças**. Tu fizeste com que essas pessoas fossem um reino de sacerdotes que servem ao nosso Deus; e elas governarão o mundo inteiro” (Apocalipse 5:9-10 – NTLH, grifo nosso).*

1.3 Os gentios no ministério paulino

Paulo é conhecido como o apóstolo dos gentios; e seu chamado, em atos efetivos, começa com o convite de Barnabé para cuidar dos gentios que se convertiam ao cristianismo em Antioquia, cf. Atos 11:22-26. Paulo mesmo reconhece, com orgulho, seu ministério como dedicado aos gentios em Romanos 11:13: “Agora estou falando a vocês que não são judeus. Enquanto eu for o apóstolo dos não judeus, terei orgulho do meu trabalho” (NTLH). Ainda poderíamos citar outras referências, como Atos 9:15, 13:47, 22:21 e 26:17; Efésios 3:1-2 e 8, 1

Timóteo 2:7; 2 Timóteo 1:10-11, 4:17; Gálatas 1:15-16, 2:9; Romanos 15:15-16 e Colossenses 1:23, 26-27.

Paulo não parece adotar um discurso polivalente para converter judeus e não judeus. Como pontuado por Richard Julius Sturz (cf. REGA [Org.], 2009), a pregação paulina é direcionada de acordo com a base cultural-religiosa de seu público-alvo. E prossegue:

“A diferença formal entre as pregações é demonstrada pela distinção feita em Atos 20.20-25. Aos judeus, o antigo povo de Deus, ‘pregava o Reino’ (v. 25), mas aos gentios, que não possuíam relação explícita com a revelação veterotestamentária, ‘testemunhava o evangelho da graça de Deus’ (v. 24). Aos judeus, postulava o arrependimento; aos gentios, a fé no Senhor Jesus (v. 21)” (REGA, 2009, pp. 78-79).

Embora possa parecer que Paulo tenha empregado discursos diferenciados para persuadir gentios e judeus das verdades do evangelho de Cristo, diferente da possível realidade das outras comunidades cristãs, como já mencionado, as igrejas paulinas são uma amalgama de judeus e não judeus. Ainda que prosélitos tenham sido alvo da pregação paulina, o que facilitaria seu trabalho evangelizador, pois já conheciam o Antigo Testamento, Paulo também obteve grande êxito entre gentios não convertidos ao judaísmo. É possível ver, nas cartas paulinas, o desenvolvimento de uma teologia apaziguadora entre esses dois grupos, judeus e não judeus. Paulo demonstra que uma nova aliança, contemplando judeus e não judeus como o novo “povo eleito de Deus”, já estava revelada desde a antiga aliança, o que ele chamará de *μυστήριον*, “mistério”.

1.3.1 O segredo de Deus

Os cultos de mistério, de origem gentia, podem ser considerados, por alguns teólogos, como principais fontes de inspiração da teologia paulina dada suas similaridades. Contudo, acredito que suas raízes judaicas falam mais alto e são suficientes para explicar a origem da teologia paulina, i.e., toda teologia paulina está firmada na revelação de Deus no Antigo Testamento sem precisar recorrer a qualquer religião pagã. Recentes descobertas, reveladas nos estudos dos manuscritos do mar morto, sugerem que há muito mais do judaísmo intertestamentário em Paulo do que outras religiões pré-gnósticas e de mistério da Ásia menor. Portanto, quando Paulo fala de “mistério”, não devemos considerar o emprego do termo com quaisquer valores gnósticos.

O mistério de Cristo, ou do evangelho, i.e., das boas novas sobre Cristo, em Paulo, é centrada numa cristo-escatologia. O mistério de Deus, antes oculto e agora revelado, é o advento da encarnação de seu Filho, que traz à luz a plenitude dos tempos (cf. RIDDERBOS, 2004, pp. 51-52). Nesse conteúdo histórico-redentor-escatológico de Deus está incluída a

Igreja. Se na primeira “proposta” de aliança de Deus com os homens para sua redenção o povo de Deus foi formado a partir de uma eleição étnica; agora, a nova “proposta” de aliança de Deus com os homens para sua redenção dá origem ao novo povo de Deus formado pela fé em Cristo sem distinção étnica. A Igreja como elemento indissociável do mistério que Paulo anuncia parece claro quando lemos Efésios 1:1-13:

“Por essa razão eu oro a Deus, [...], que estou preso por causa de Cristo Jesus para o bem de vocês, os não judeus. Com certeza vocês já sabem que Deus [...] me revelou o seu plano secreto e fez com que eu o conhecesse. [...] No passado esse segredo não foi contado aos seres humanos, mas agora, por meio do seu Espírito, Deus o revelou aos seus santos apóstolos e profetas. O segredo é este: por meio do evangelho os não judeus participam com os judeus das bênçãos divinas. Eles são membros do mesmo corpo e participam da promessa que Deus fez por meio de Cristo Jesus. Graças ao dom que Deus, na sua bondade, me deu [...] o privilégio de fazer com que todos vejam como se realiza o plano secreto de Deus. Deus, que criou tudo, escondeu esse segredo durante os tempos passados. E isso aconteceu a fim de que agora, por meio da Igreja, as autoridades e os poderes angélicos do mundo celestial conheçam a sabedoria de Deus em todas as suas diferentes formas. Deus fez isso de acordo com o seu propósito eterno, que ele realizou por meio de Cristo Jesus, o nosso Senhor. [...] Portanto, eu lhes peço que não desanimem por causa dos meus sofrimentos por vocês, pois eles lhes trazem benefício” [NTLH].

Isso significa que, nas boas novas paulinas, o não judeu não precisa mais “tornar-se judeu” para ser participante da aliança de Deus com seu povo eleito e assim alcançar salvação. Há aqui uma significativa mudança na maneira como Deus trata a humanidade. Em seu discurso em Atenas (Atos 17:22-31), Paulo enfatiza essa nova realidade em contraste com a situação anterior dos gentios na antiga aliança:

“Então Paulo ficou de pé diante deles, na reunião da Câmara Municipal, e disse:

— Atenienses! Vejo que em todas as coisas vocês são muito religiosos. De fato, quando eu estava andando pela cidade e olhava os lugares onde vocês adoram os seus deuses, encontrei um altar em que está escrito: ‘Ao Deus Desconhecido’. Pois esse Deus que vocês adoram sem conhecer é justamente aquele que eu estou anunciando a vocês.

— Deus, que fez o mundo e tudo o que nele existe, é o Senhor do céu e da terra e não mora em templos feitos por seres humanos. E também não precisa que façam nada por ele, pois é ele mesmo quem dá a todos vida, respiração e tudo mais. De um só homem ele criou todas as raças humanas para viverem na terra. Antes de criar os povos, Deus marcou para eles os lugares onde iriam morar e quanto tempo ficariam lá. Ele fez isso para que todos pudessem procurá-lo e talvez encontrá-lo, embora ele não esteja longe de cada um de nós. Porque, como alguém disse: ‘Nele vivemos, nos movemos e existimos.’ E alguns dos poetas de vocês disseram: ‘Nós também somos filhos dele.’ E, já que somos filhos dele, não devemos pensar que Deus é parecido com um ídolo de ouro, de prata ou de pedra, feito pela arte e habilidade das pessoas. No passado Deus não levou em conta essa ignorância. Mas agora ele manda que todas as pessoas, em todos os lugares, se arrependam dos seus pecados. Pois ele marcou o dia em que vai julgar o mundo com justiça, por meio de um homem que escolheu. E deu prova disso a todos quando ressuscitou esse homem” (NTLH).

Deus criou toda a humanidade a partir de um só homem. Sabemos que Paulo está fazendo referência a Adão; mais uma vez a revelação veterotestamentária rege o pensamento paulino. O que passa despercebido na leitura da maioria é o que Paulo quis dizer com “tempo de ignorância” e sua menção da distribuição dos povos sobre a terra. O que isso tem a ver com a salvação dos gentios e de qual contexto veterotestamentário o apóstolo dos gentios desenvolve seu discurso teológico para os atenienses? Para responder à pergunta, precisaremos analisar a antiga aliança com base apenas no que fora revelado no Antigo Testamento.

2 A MISSÃO DO POVO DE DEUS NO CONTEXTO VETEROTESTAMENTÁRIO

Nós, cristãos protestantes, fazemos parte de uma religião designada como judaico-cristã por suas origens. Contudo, para a maioria dos cristãos, a faceta judaica está apenas no nome. Além do contexto veterotestamentário estar muito distante de nossa realidade hodierna, em nossa longa história cristã, com pouco mais de dois mil anos, fomos doutrinados e condicionados a pensar apenas nos moldes da “religião” neotestamentária, já dissociada de uma boa nova para uma única etnia eleita. É verdade que a antiga aliança de Deus com os homens foi substituída pela nova aliança; mas, dominados pela supremacia do novo em detrimento do velho, muitos leitores da Bíblia invertem a ordem natural da revelação de Deus e interpretam o antigo testamento à luz do novo testamento resultando em muita leitura anacrônica que pode até fazer sentido numa sistematização teológica grosseira, mas se mostra completamente falha quando analisada sob as lentes atentas de uma teologia bíblia veterotestamentária. Passaremos, pois, a seguir, pelos principais pontos de uma teologia bíblica veterotestamentária para contextualizar a leitura do mistério paulino e seu discurso em Atenas.

2.1 A cosmovisão henoteísta no Antigo Testamento

Moisés é o fundador da religião judaica, reconhecida por muitos como uma religião monoteísta. Contudo, alguns estudiosos questionam a natureza monoteísta da religião mosaica por uma série de evidências internas e externas (cf. HEISER, 2008).

Os patriarcas do povo judeu têm sua origem na mesopotâmia: “Deus apareceu ao nosso antepassado Abraão quando este morava na região da Mesopotâmia, antes de ir morar na cidade de Harã” (Atos 7:2 – NTLH). Seguindo a narrativa bíblica, sabemos que o povo judeu manteve contato com culturas diversas desde a mesopotâmia até o Egito, cuja cultura religiosa em toda essa região e época era predominantemente politeísta. Ao considerarmos esse contexto como evidência externa, i.e., fonte de evidência extrabíblica, e levarmos em consideração que a revelação de Deus é progressiva, é possível deduzir que a religião mosaica dificilmente seria tão inovadora nesse contexto de mundo inaugurando uma religião monoteísta em uma cosmovisão dominada pelo politeísmo.

Para aqueles que leram o parágrafo acima com um olhar de estranheza poderá se surpreender ao encontrar muitas evidências internas, i.e., nas próprias páginas da Bíblia, que apontam para uma religião judaica inicialmente não-monoteísta. Nessa classificação polarizada entre monoteísmo e politeísmo para identificar as religiões, o henoteísmo é ignorado por muitas obras teológicas que moldaram nosso entendimento da cosmovisão religiosa do Antigo Testamento. E essa terceira via de classificação religiosa é importantíssima para nossa compreensão da narrativa bíblica!

Estamos todos, pois, familiarizados com a definição de monoteísmo e politeísmo. O monoteísmo é aquela religião que reconhece a existência de um único deus e o tem como único objeto de culto, e o politeísmo é a religião que reconhece a existência de vários deuses e rende culto a todos eles. O henoteísmo, por sua vez, é o sistema religioso que reconhece a existência de vários deuses, mas presta culto a apenas um deles, aquele reconhecido como o maior dos deuses.

O henoteísmo difere do monoteísmo porque o henoteísta, apesar de prestar culto a apenas um deus, crê na existência de vários deuses. O henoteísmo difere do politeísmo porque o henoteísta não presta culto a todos os deuses, ainda que creia na existência deles.

Onde estão as evidências internas que apontam para essa religião judaica inicialmente henoteísta? Vejamos alguns versículos cujos os autores parecem admitir a existência de vários deuses:

“Deus toma o seu lugar na reunião dos deuses e no meio deles dá a sua sentença” - Salmo 82:1 – NTLH. Segundo Heisen (2008, p. 3), nos escritos de Qumran há aproximadamente 185 ocorrências de אֱלֹהִים (elohim) no qual o conselho divino é mencionado com o mesmo vocabulário utilizado nos textos da Bíblia hebraica para a assembleia divina. Não parece ser, portanto, o caso de o judaísmo do Segundo Templo ter ignorado o texto numa suposta campanha de correção de quaisquer resquícios de uma evolução da visão politeísta para a monoteísta. Seria mais fácil admitir que os autores bíblicos não tinham nenhum constrangimento em imaginar uma assembleia de deuses menores sob o governo do Todo-Poderoso Deus de Israel. A negação dessa possibilidade henoteísta para a cosmovisão veterotestamentária já levou muitos estudiosos a forçar o entendimento de אֱלֹהִים (elohim) como seres celestiais ou até mesmo juizes humanos para o Salmo 82.

Em 2 Crônicas, no versículo 5 do segundo capítulo, encontramos uma declaração que se harmoniza com a cosmovisão henoteísta: “Vou construir um Templo enorme, pois o nosso Deus é maior do que todos os outros deuses” (NTLH).

Em Deuteronômio 4:19 lemos: “E, quando olharem para o céu, não caiam na tentação de adorar o sol, a lua ou as estrelas. Pois o Senhor, nosso Deus, repartiu o sol, a lua e as estrelas entre os outros povos, para que eles os adorem” (NTLH).

É importante, também, entender que os deuses eram considerados territoriais. Esse entendimento, comum a todos os povos da época do Antigo Testamento, também acompanhará a religião judaica até o exílio.

Quando os israelitas foram levados para o exílio na Assíria, a região do reino do norte foi ocupada por estrangeiros trazidos pelos conquistadores. Houve uma praga de leões que atacavam e se alimentavam dos novos moradores da ocupação de Samaria, a capital do reino do norte. A conclusão do rei assírio foi que a praga fora causada por desconhecimento dos novos ocupantes dos costumes (i.e., dos costumes litúrgicos) do deus da terra ocupada (cf. 2 Reis 17:24-41).

No início da monarquia, vemos essa mesma cosmovisão de deuses territoriais na fala de Davi: “Pois eles me expulsaram de meu lar, de modo que não posso mais viver entre o povo do SENHOR, e disseram: ‘Vá servir outros deuses’. Devo morrer em terra estrangeira, longe da presença do SENHOR?” (1 Samuel 26:19-20 - NVT). Fica, assim, claro que viver em terra estrangeira significa estar debaixo do domínio de outros deuses. O SENHOR é adorado só no território de Israel.

O mesmo pode ser percebido nas declarações de Noemi e Rute, agora, no período dos juízes: “disse Noemi. — A sua cunhada voltou para o seu povo e para os seus deuses [...] Onde a senhora for, eu irei; e onde morar, eu também morarei. O seu povo será o meu povo, e o seu Deus será o meu Deus” (Rute 1:15 e 16 - NTLH).

Quando Jacó foge da presença de seu irmão Esaú, ele se assusta com o fato de ter tido uma visão de Deus fora de seu território: “De fato, o Senhor Deus está neste lugar, e eu não sabia disso” (NTLH). E não é difícil especular que Abraão provavelmente tenha erguido altares ao longo de sua jornada para que Deus pudesse “dominar” novo território (cf. Gênesis 12:7-8 e 13:18).

O profeta Ezequiel tem uma visão à beira do rio Quebar durante o exílio na Babilônia. Além de ter sido uma visão impressionante, o mais importante é o significado que está por trás da imagem do trono do Deus de Israel transportado sobre os ombros de querubins. A mensagem é esta: há esperança para o povo de Deus exilado aqui na Babilônia, porque nosso Deus não está preso ao território de Israel, ele veio até aqui, Babilônia, para trazer uma mensagem de esperança para seu povo eleito.

É assim que Ezequiel decide inaugurar sua mensagem profética, com esse panorama de fundo, cheio de significados, para um povo que se sentia abandonado em terra estrangeira entre deuses estrangeiros.

De volta a Deuteronômio, temos ainda duas referências que parecem mais significativas nesse contexto. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje apresenta um texto para Deuteronômio 32:8-9 diferente da tradicional versão Almeida, na NTLH fica claro que Deus separou as nações e deu a cada uma dessas nações um deus diferente – o que faz muito sentido considerando uma cosmovisão henoteísta para interpretar o texto. Essa tradução segue estudos mais recentes e alinha-se ao entendimento de especialistas do texto (e sua língua original) como Luis Alonso Schökel, embora ainda não siga o texto massorético, e aqui temos uma divergência textual (cf. FONSECA, 2015), a tradução da NTLH segue a recomendação do aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia que aponta para a divergência textual encontrada na LXX e no texto de Qumran, mais antigos que o próprio texto massorético, base da Almeida.

Vamos colocar lado a lado as duas traduções de Deuteronômio 32:8-9 para melhor comparação:

NTLH

8”Quando o Altíssimo separou os povos e deu a cada povo as suas terras, ele marcou as fronteiras das nações, dando a cada uma o seu próprio deus. 9Mas escolheu Israel para ser o seu povo; os descendentes de Jacó pertencem ao Senhor.”

ARA

“8Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando separava os filhos dos homens uns dos outros, fixou os limites dos povos, segundo o número dos filhos de Israel. 9Porque a porção do SENHOR é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança.”

Seguindo a tradução Almeida, que está de acordo com o texto massorético, entendemos que o Altíssimo separou os povos, e o número dos filhos de Israel foi o critério para fixar o limite de suas terras. Isso pode fazer sentido se levado em consideração a ocupação da palestina pelos filhos de Israel, como se Deus já tivesse em mente a ocupação daquelas terras quando distribuiu o restante para a ocupação dos outros povos. Mas nesse

caso, qual seria o sentido do verso 9? Qual a coerência entre os dois versos ligados pela conjunção “porque”?

O verso 9 claramente ganha força quando segue a tradução da NTLH. Deus separou os povos, mas os entregou a outros deuses porque escolheu apenas a Israel como seu povo. Essa leitura harmoniza-se com uma cosmovisão henoteísta e também de deuses territoriais.

Se o texto de Deuteronômio 32, segundo a NTLH, causa-lhe estranheza, foi por não ter dado devida atenção à leitura de Deuteronômio 4:19, mesmo na Almeida:

“Guarda-te não levantes os olhos para os céus e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber, todo o exército dos céus, sejas seduzido a inclinar-te perante eles e dêes culto àqueles, coisas que o SENHOR, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus.”

Vale ainda citar o Comentário Bíblico Beacon (Volume 1, 2012, p. 427) para Deuteronômio 4:19:

“Certos expositores julgam que significa que esta forma de adoração era permitida por Deus para as nações que não tinham a revelação especial de Israel como estágio para a verdadeira adoração (cf. At 14:16, 17; 17:30). Mas para os israelitas, inclinar-se a esses elementos significava apostasia e repúdio ao concerto do SENHOR (23) que os libertara” (Volume 1, p. 427).

É fácil perceber que Deuteronômio 4:19 e 32:8-9 são versos contextualizados mais facilmente quando considerados dentro de uma cosmovisão henoteísta com deuses territoriais. E é exatamente esse contexto de Deuteronômio que o apóstolo Paulo faz uso em seu discurso aos atenienses.

Desde a reforma protestante, muitos povos foram “completamente” convertidos, a ponto de se estabelecer o protestantismo como religião oficial dessas nações. Esses países de matrizes protestantes (calvinistas, principalmente) figuram geralmente entre os mais desenvolvidos e ricos no mundo. Nosso país é essencialmente católico com profundas marcas sincretistas das religiões africanas, religiões frequentemente “criticadas” pelos evangélicos. É comum, diante dessa realidade, citar o Salmo 33:12 para explicar as mazelas de nosso país. “Feliz é a nação cujo Deus é o SENHOR!” serve como slogan motivacional para evangelizar brasileiros para que o Brasil alcance, enfim, a felicidade.³ Contudo, não é isso o que o verso necessariamente revela. Se buscarmos a real intenção do autor, o que o salmista tinha em

³ Para saber mais sobre o impacto da reforma protestante no desenvolvimento social, econômico e educacional, recomendo a leitura de WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo; SILVA, Márcia Cristina Amaral da. A educação no Brasil holandês (1630-1654): As influências da religião cristã reformada; RUSSO, Bárbara Ferreira. Os impactos da reforma protestante na educação; TITILLO, Thiago Velozo. A contribuição dos reformadores para a educação pública; ARAÚJO, Cristiane Ribeiro de Mello. O pensamento econômico e social de Martinho Lutero (cf. Referências Bibliográficas).

mente era o privilégio dos judeus em sua eleição. Considere todo o verso: “Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o SENHOR, o povo que ele escolheu como sua herança”. Sempre que se ouve o verso empregado no contexto mencionado acima, a nação que escolhe o SENHOR como Deus é feliz (haja vista a situação econômica e social dos países protestantes ricos), mas o salmista nunca considerou ter tido essa escolha, porque era ele o escolhido! Para o salmista, a escolha era de Deus, e eles, os israelitas, eram os sortudos, os felizardos. Hoje, no contexto religioso idiossincrático citado acima, característico dos neopentecostais, escolhemos Deus para não sermos infelizes. Esse é um exemplo claro e simples de como a interpretação da missão soteriológica do povo de Deus entre os dois testamentos é confusa por causa de uma leitura anacrônica, sobrepondo realidades neotestamentárias e até mesmo da história recente ao contexto veterotestamentário.

2.2 Um plano da redenção étnico

Deus escolheu Israel, i.e., a descendência de Abraão, para ser seu povo e impôs acordos para manutenção dessa eleição. Ou seja, o pacto, ou aliança, estava condicionado à obediência do povo às condições impostas por Deus, e estas condições eram impostas somente a Israel, a descendência de Abraão, o patriarca-símbolo de uma eleição étnica porque fora prometida a sua descendência natural.

Esses acordos dos quais falo são aqueles codificados em lei. E a lei não só permite a manutenção do pacto de Deus com seu povo eleito como também serve de revelação de Deus a seu povo escolhido de forma especial. Considere o que o salmista declara:

“O Senhor anuncia a sua mensagem aos descendentes de Jacó e dá as suas ordens e leis ao povo de Israel. Ele não fez assim com nenhuma outra nação; as outras nações não conhecem as suas leis. Aleluia!” (147:19-20 - NTLH)

Antes de falar do proselitismo de estrangeiros no Antigo Testamento, precisamos tratar da tolerância de Israel para com os estrangeiros. Algumas condições eram impostas aos estrangeiros que desejassem viver pacificamente com judeus no território de Israel: não poderiam viver em Israel e blasfemar contra o SENHOR (Levítico 24:16); não poderiam praticar a idolatria (Levítico 20:2); precisavam agir com decência (Levítico 18:26); observar o sábado (Êxodo 20:10) e algumas outras restrições alimentares precisavam ser observadas também. Contudo, nenhuma dessas observações poderiam mudar o status do estrangeiro quanto a sua naturalidade e religião.

Aqueles que desejassem naturalização e participação plena no pacto precisavam ser circuncidados e guardar toda a lei. Tornavam-se, então, israelitas nativos e participantes do pacto.

“[...] se algum estrangeiro estiver morando com vocês [...], vocês deverão primeiro circuncidá-lo e também todos os outros homens e meninos da sua família. Depois ele poderá tomar parte na comemoração e será como se fosse uma pessoa nascida em Israel” (Êxodo 12:48 – NTLH).

Havia, contudo, alguns povos que jamais poderiam fazer parte da aliança. Era o caso, por exemplo, dos amonitas e moabitas que, por causa de alguns atos cometidos, eram excluídos da possibilidade de proselitismo até a décima geração, o que se tornou praticamente uma exclusão definitiva. Outros povos, como egípcios e edomitas, poderiam ser aceitos mais facilmente cumpridas algumas exigências (cf. Deuteronômio 23: 3-8).

A xenofobia do povo, infelizmente, não permitiu que estrangeiros gozassem de plena igualdade, mesmo após sua inclusão no pacto como previsto na lei. Os prosélitos estrangeiros eram vistos como cidadãos de segunda categoria e muitos acabaram amargando uma vida mais dura, reservando a eles os trabalhos mais penosos, ver 1 Crônicas 22:2 e 2 Crônicas 2:17-18 (cf. CHAMPLIN, 2001, p. 5082).

Excluídas as contingências supracitadas, o estrangeiro tinha a opção de tornar-se judeu ou não. O mesmo não é verdadeiro para o israelita natural, aquele nascido da descendência dos patriarcas. Ele poderia apostatar e ser excluído do pacto, mas já nascia debaixo do pacto, porque era firmado numa aliança étnica.

2.3 Vem e vê

A missiologia veterotestamentária, então, se resumia à aceitação do estrangeiro através de sua conversão ao judaísmo. Não havia na lei, por exemplo, uma ordem expressa de alcançar as nações vizinhas com a “mensagem de salvação pactual”; havia na lei, sim, uma provisão para a inclusão de um estrangeiro ao pacto, que fora firmado apenas entre Deus e seu povo eleito, i.e., Abraão e sua descendência.

Veja que, até mesmo numa profecia messiânica, encontramos no olhar do profeta, em sua própria época, a ideia de que os gentios viriam por iniciativa própria buscar a salvação prometida aos judeus: “naqueles dias, dez estrangeiros irão agarrar um judeu para lhe dizer: ‘Nós queremos seguir a sua religião, pois ouvimos dizer que Deus está com vocês’” (Zacarias 8:23 – NTLH). É claro que essa profecia ganhará outra dimensão em sua realização no contexto neotestamentário, mas o texto fica melhor compreendido quando o lemos com os

olhos de um judeu no contexto veterotestamentário: “Gentios, venham ver a salvação prometida ao povo eleito. Embora não tenhamos a obrigação de converter nenhum de vocês, se assim desejarem, vocês podem fazer parte do nosso povo pelo proselitismo e gozar das mesmas bênçãos”.

Outro texto que aponta para a mesma realidade é 1 Reis 8:41-43 (NTLH):

“— Quando um estrangeiro que vive numa terra bem longe daqui ouvir falar da tua fama e das grandes coisas que tens feito pelo teu povo e vier te adorar e orar a ti com o rosto virado para este Templo, ouve a sua oração. Lá do céu, onde vives, escuta-o e faze tudo o que ele te pedir, para que todos os povos da terra possam te conhecer e temer, como faz o teu povo de Israel. Então eles ficarão sabendo que este Templo que eu construí é o lugar onde deves ser adorado.”

Um leitor desatento pode acreditar que a oração de Salomão seja clara referência ao compromisso do povo eleito, no antigo testamento, com a “evangelização” dos gentios. Contudo, podemos destacar que Salomão fala dos “gentios que possam ouvir da fama de Deus e das coisas que tem feito pelo seu povo”. Nada no texto sugere que a causa do “ouvir falar” seja resultado de uma campanha proselitista. Embora tivesse sido o momento de maior prosperidade do povo da aliança, com sobejantes recursos para “evangelizar” o mundo, não encontramos nenhuma referência paralela (de autores bíblicos e extrabíblicos) de quaisquer expedições “evangelizadoras” de gentios no contexto da monarquia como encontramos, por exemplo, em Atos dos apóstolos.⁴ Se houvesse a ordem e os recursos para cumprir a suposta ordem missionária, por que não a realizariam? Pura rebeldia? Se houvesse rebeldia, por que nenhum profeta apontou esse erro? A verdade é que não havia ordem de um “ide e fazei prosélitos de todas as nações”!

Vale citar o que Gerard Van Groningen (2004, pp. 50-51) diz sobre a profecia de Amós contra as nações gentias e o papel do povo eleito na velha aliança:

“Tendo anunciado que Yahweh tem uma menagem para Israel ouvir, Amós profetiza o julgamento das nações vizinhas. Ele o fez não para simplesmente imitar a lista de execração dos sacerdotes egípcios (nessa lista havia oito nações; Amós também cita oito nações). De acordo com os comentaristas, Amós possuía ‘razões psicológicas’, ele sabia que a melhor forma de conseguir a atenção do povo era falando dos pecados de seus vizinhos. Contudo, havia um motivo teológico fundamental e definido relativo à aliança. Quando Yahweh guiou Abrão de Ur dos caldeus e Harã para a terra de Canaã, Yahweh o havia colocado no meio das nações. Ali, naquela terra que servia de ponte natural entre nações, Abrão recebeu a estipulação e promessa da aliança de que as nações deveriam ser abençoadas por meio deles; e estas, por sua vez, deveriam abençoar a si mesmas em seu relacionamento com Abrão (Gn 12.1-3). Assim, quando Amós profetizou sobre o julgamento das nações vizinhas por causa de seus pecados, Israel deveria ter ouvido a

⁴ A única exceção que poderia ser apontada no contexto do antigo testamento é o livro de Jonas, o que será comentado mais detalhadamente adiante.

repreensão contra ela. Israel não havia sido um canal de bênção; pelo contrário, no relacionamento dessas nações com Israel, podia-se encontrar motivos para seu julgamento. Deve-se entender, porém, que Israel não havia recebido uma tarefa missionária em relação às nações. Israel não foi ordenada a ir e pregar às nações. Na verdade, as mensagens de Amós não são dirigidas diretamente às nações, mas a Israel. Havia sido dada ao povo da aliança uma responsabilidade sacerdotal em meio às nações (Ex 19.6). Sua vida santa diante de Yahweh, sua condição de luz para os povos, seu [sic] serviços como povo diligente da aliança (Is 42.6), deveriam ser seu meio ou canal de bênçãos para que as nações fossem levadas a apreciar o povo da aliança, juntarem-se e tornarem-se unidas com ele. Assim, Amós iniciou sua proclamação profética a Israel ao lembrar o povo de seu lugar e papel singulares no reino cósmico do Deus Yahweh” (grifo nosso).

É importante, também, destacar o que foi pontuado por Geerhardus Vos (2010, p. 158) ao falar sobre a organização de Israel como uma teocracia:

“O alvo principal para o qual Israel havia sido criado não era para ensinar lições de economia política para o mundo; mas, no meio de um mundo pagão, ensinar a verdadeira religião, [...]. Nem era meramente uma questão de ensinar religião para o mundo presente. A teocracia nunca teve a intenção de ser uma instituição missionária em seu estado no Antigo Testamento” (grifo nosso).

Essa afirmação supracitada de Geerhardus Vos ampara minha leitura da oração de Salomão completamente ausente de uma missiologia. Não havia, naquele momento, qualquer anseio no coração de Salomão para a promoção de uma atividade missionária ou sentimento de cobrança para a realização de uma expedição missionária para a salvação dos gentios que motivasse sua oração. John Bright (1978, p. 603) também comenta que é vã a procura por um espírito missionário no Israel pré-exílico. “Israel era uma nação com culto nacional; embora os estrangeiros residentes em sua pátria pudessem ser absorvidos (e o foram), não havia nenhum impulso ativo para fazer prosélitos” (BRIGHT, 1978, p. 604).

A contextualização mais adequada para a oração de Salomão na ocasião da consagração do Templo, como registrada em 1 Reis 8:41-43, é o entendimento que o único papel de Israel era ser um modelo do Reino de Deus realizado na terra, de forma a atrair as nações para um proselitismo espontâneo.

3 VEM E VÊ, VAI E APRESENTA

Com toda a exposição realizada acima, buscando na teologia bíblica os recursos interpretativos necessários para considerar as particularidades de cada testamento na revelação progressiva do plano de Deus para a salvação da humanidade, acredito ter exposto argumentos suficientes para demonstrar que existe uma distinta natureza de missão soteriológica do povo de Deus entre as duas alianças, o que expressei pelo aforisma: “vem e vê, vai e apresenta”.

O povo de Deus, no antigo testamento, não recebera de Deus a ordem de fazer prosélitos de todas as nações. O que havia na lei era uma espécie de concessão, como ato de extrema bondade da graça divina, para o proselitismo quando este era espontâneo, sem a necessidade de um Israel atuante em “expedições missionárias”, era uma espécie de compromisso missionário apenas do tipo “vem e vê”; e, mesmo assim, como podemos analisar mais detalhadamente no item 2.2 acima, havia restrições para a aceitação de alguns grupos étnicos. Os defensores de uma missiologia veterotestamentária, nos termos que apresento como equivocados e busco refutar nesta dissertação, erram até mesmo nisto: quando dizem que Israel tinha não só a obrigação de “evangelizar” os povos como também dar boas-vindas a todos, sem distinção, porque Deus não faz acepção de pessoas, citando inúmeros versículos com o emprego dessa expressão sem a consideração mínima de contexto.

“Portanto, vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores, batizando esses seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado a vocês” (Mateus 28:19-20 - NTLH).

O povo de Deus, no Novo Testamento, recebe a missão de evangelizar e fazer discípulos em todas as nações, agora sim temos um “vai e apresenta”; mas será sempre um equívoco interpretar a missão soteriológica do povo de Deus na realidade do Antigo Testamento à luz da missiologia neotestamentária. Além de gerar uma interpretação deficiente do Antigo Testamento, o que verificaremos adiante para alguns textos de exemplo, quanto ao plano de Deus para a salvação do homem, muitos textos do Novo Testamento são obscurecidos, e a revelação do corpo de Cristo, formado por judeus e gentios, tem seu valor diminuído, parte da teologia paulina se perde num vácuo de contexto entre os dois testamentos.

Para fins práticos, de acordo os pressupostos já apresentados, seguem releituras do discurso paulino e de alguns textos do Antigo Testamento. As referências do Antigo Testamento, selecionadas para esta última seção do trabalho, são extraídas das mais frequentes citações em objeções apresentadas por oponentes em discussões teológicas travadas durante elaboração da presente dissertação.

3.1 Uma releitura do discurso paulino

Deus escolheu somente Israel como seu povo (eleito) para salvação, os demais povos, os gentios no discurso paulino, foram entregues a outros deuses (pelo próprio Deus, segundo o autor de Deuteronômio) para que, tateando, pudessem encontrar o verdadeiro Deus. Isso retrata a ausência de uma “empreitada evangelística” para promover a salvação dos povos que não faziam parte do pacto da velha aliança no contexto veterotestamentário. Se um gentio tivesse que chegar ao conhecimento do verdadeiro Deus, ele mesmo precisaria buscá-lo por iniciativa própria, sem a participação inicial do povo eleito, limitado apenas a atrair e acolher, sendo fiel a Deus e gozando de suas bênçãos.

No passado, foi assim que Deus agiu, deixando os gentios a mercê dos deuses (ou da sorte), revelou-se a Israel, mas deixou os povos na ignorância a respeito de sua revelação. Deus não leva mais em consideração esse tempo da ignorância (ignorância do conhecimento dEle, entregando-se, assim, à idolatria) porque é chegado o tempo, o tempo da nova aliança, no qual Deus deve também ser anunciado (revelado) aos gentios para a salvação deles! Se antes a eleição era com base em uma etnia, descendentes do patriarca Abraão, agora os eleitos são gerados em Cristo, pela fé, independentemente de suas origens étnicas (cf. João 1:12-13).

Considere agora, pois, os versos de Deuteronômio (4:19-20 e 32:8-9) e o discurso paulino (Atos 17:22-31) em sequência:

“E, quando olharem para o céu, não caíam na tentação de adorar o sol, a lua ou as estrelas. Pois o Senhor, nosso Deus, repartiu o sol, a lua e as estrelas entre os outros povos, para que eles os adorem. Mas vocês são o povo que o Senhor tirou do Egito, aquela fornalha acesa, para serem somente dele, como, de fato, são. [...] Quando o Altíssimo separou os povos e deu a cada povo as suas terras, ele marcou as fronteiras das nações, dando a cada uma o seu próprio deus. Mas escolheu Israel para ser o seu povo; os descendentes de Jacó pertencem ao Senhor.”

“Então Paulo ficou de pé diante deles, na reunião da Câmara Municipal, e disse:

— Atenienses! Vejo que em todas as coisas vocês são muito religiosos. De fato, quando eu estava andando pela cidade e olhava os lugares onde vocês adoram os seus

deuses, encontrei um altar em que está escrito: 'Ao Deus Desconhecido'. Pois esse Deus que vocês adoram sem conhecer é justamente aquele que eu estou anunciando a vocês.

— *Deus, que fez o mundo e tudo o que nele existe, [...]. De um só homem ele criou todas as raças humanas para viverem na terra. Antes de criar os povos, Deus marcou para eles os lugares onde iriam morar e quanto tempo ficariam lá. Ele fez isso para que todos pudessem procurá-lo e talvez encontrá-lo, embora ele não esteja longe de cada um de nós. Porque, como alguém disse: 'Nele vivemos, nos movemos e existimos.' E alguns dos poetas de vocês disseram: 'Nós também somos filhos dele.' E, já que somos filhos dele, não devemos pensar que Deus é parecido com um ídolo de ouro, de prata ou de pedra, feito pela arte e habilidade das pessoas. No passado Deus não levou em conta essa ignorância. Mas agora ele manda que todas as pessoas, em todos os lugares, se arrependam dos seus pecados. Pois ele marcou o dia em que vai julgar o mundo com justiça, por meio de um homem que escolheu. E deu prova disso a todos quando ressuscitou esse homem" (NTLH).*

Ao colocarmos esses dois textos em sequência para análise, é inevitável concluir que o discurso paulino em Atenas está inequivocamente ancorado em Deuteronômio, e está evidenciado, também, que existe um contraste entre o “antes” e o “agora” no raciocínio paulino, há uma ruptura entre a missão do povo de Deus no Antigo e Testamento e a realidade de missão soteriológica vivida por Paulo no Novo Testamento. A proposição iniciada pelo termo “agora” (“agora ele manda que todas as pessoas, em todos os lugares, se arrependam de seus pecados”) é um marcador de discurso significativo para passar despercebido na leitura, e só poderia fazer algum sentido se antes não houvesse ordem de arrependimento para todas as pessoas em todos os lugares! Ao considerar que o texto de Deuteronômio 32 está por trás da pregação paulina aos atenienses, é fácil considerar que o conceito de eleição exclusiva de Abraão e sua descendência excluía os outros povos das obrigações e benefícios do pacto. Sem estas considerações, o “agora” do discurso paulino ficará vazio de significado.

Nem mesmo a exposição de pecados dos povos vizinhos, como encontrado em alguns profetas, pode ser considerado um chamado ao arrependimento como exposto acima. Com amparo das citações às obras de Gerard Van Groningen e Geerhardus Vos, supracitados e parcialmente referido abaixo com grifo, a denúncia do pecado dos povos vizinhos não entrará em contradição com o discurso paulino em Atenas, considere o destaque:

“...quando Amós profetizou sobre o julgamento das nações vizinhas por causa de seus pecados, Israel deveria ter ouvido a repreensão contra ela. Israel não havia sido um canal de bênção; pelo contrário, no relacionamento dessas nações com Israel, podia-se encontrar motivos para seu julgamento. Deve-se entender, porém, que Israel não havia recebido uma tarefa missionária em relação às nações. Israel não foi ordenada a ir e pregar às nações. Na verdade, as mensagens de Amós não são dirigidas diretamente às nações” (GRONINGEN, 2004 – grifo nosso).

3.1.1 O discurso de Atenas hoje

É generalizada a preocupação de muitos crentes que questionam a condição ou não de salvação de alguns grupos étnicos no mundo hodierno, conhecidos como “povos não alcançados”, desde pessoas, em “civilizações desenvolvidas”, que habitam a “janela 10x40” (classificação comum entre as agências de missões) a índios que habitam o interior intocado da floresta amazônica. A pergunta inquietante presente em muitos blogs, fóruns *on-line*, e escolas bíblicas dominicais é: “aqueles que nunca ouviram o evangelho, estão salvos?” Acredito que o discurso de Paulo em Atenas é a resposta para essa pergunta.

Não faz parte do escopo desta dissertação trabalhar a soteriologia em detalhes sob este aspecto da obra de Cristo na salvação do homem pecador; contudo, acredito ser pacífico estabelecer como postulado (inegociável!) que não há salvação sem Cristo, e isso implica não apenas a realização de sua obra redentora, mas também o reconhecimento e arrependimento de pecados e o exercício da fé salvadora nEle. Sem essas coisas, abraçaríamos o universalismo. O problema é que as pessoas ainda relutam aceitar a ideia que muitos se perdem por não terem tido a oportunidade de ouvir a mensagem do evangelho e apelam para a justiça divina ou seu amor. De alguma forma elas entendem que condenar uma pessoa que não teve a oportunidade de ouvir de Cristo e ter a chance de “aceitá-lo” como seu salvador vai contra a justiça de Deus. Mas será Deus injusto se assim condenar o pecador?

Mais uma vez não se pormenorizará tal discussão, mas o que se pode argumentar dentro do escopo da dissertação é que todos esses povos que hoje ainda não ouviram falar de Cristo, e por isso estão condenados e sem Deus no mundo (Efésios 2:11-13), são os mesmos povos do projeto missionário do apóstolo Paulo que encontramos em Atos 17. Podemos dizer que aquele “agora ele manda que todas as pessoas, em todos os lugares, se arrependam de seus pecados” é um processo inaugurado por Paulo no primeiro século da era cristã e ainda em curso no século XXI.

A humanidade caída, separada de Deus pelo pecado, não terá parte com Deus. Os benefícios da eleição veterotestamentária estão limitados à descendência de Abraão, e os outros povos são simplesmente ignorados por Deus. Não só podemos verificar essa realidade nas análises já trabalhadas de porções do Antigo Testamento como, também, podemos ver refletida na teologia paulina em textos como Efésios 2:11-13 e Atos 17:30:

“Lembrem que vocês, os não judeus, eram chamados de incircuncidados pelos judeus, que chamam a si mesmos de circuncidados por praticar a circuncisão. Lembrem do que vocês eram no passado. Naquele tempo vocês estavam separados de Cristo; eram estrangeiros e não pertenciam ao povo escolhido de Deus. Não tinham parte nas suas alianças, que eram baseadas nas promessas de Deus para o seu povo. E neste mundo

viviam sem esperança e sem Deus. Mas agora, unidos com Cristo Jesus, vocês, que estavam longe de Deus, foram trazidos para perto dele pela morte de Cristo na cruz” (NTLH).

“No passado Deus não levou em conta essa ignorância. Mas agora ele manda que todas as pessoas, em todos os lugares, se arrependam dos seus pecados” (NTLH).

Todos os índios e quaisquer povos não alcançados pelo evangelho estão vivendo o tempo da ignorância, estão vivendo num mundo sem esperança e sem Deus, i.e., sem salvação! É evidente que essa condição anteriormente era simplesmente ignorada por Deus, pois a promessa era exclusividade do povo eleito, i.e., dos judeus. Hoje, na verdade, desde os dias de Paulo, Deus manda que as pessoas de todas as tribos e nações se arrependam de seus pecados e assim passem a fazer parte da eleição de Deus pela fé no seu Filho. E isso não só justifica qualquer empreendimento missionário, como justificou o empenho missionário de Paulo, como também a condição de infeliz condenação para todo aquele que permanece na condição de ignorância. Veja que Paulo não justifica uma salvação sem o desenvolver da fé em Cristo com base num “tempo da ignorância”, pelo contrário! O tempo da ignorância mencionado em Atos 17 é sinônimo de condenação, como podemos ver em Efésios 2. E para quem ainda se espanta com a severidade de Atos 17 deveria ter dado melhor atenção ao capítulo 14: “No passado Deus deixou que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos” (Atos 14:16 – NTLH). Seja em Listra ou em Atenas, a mensagem do apóstolo é a mesma: aqueles que antes eram ignorados, agora são chamados ao arrependimento para salvação. É nosso dever ir até eles para apresentar-lhes as boas novas de Jesus Cristo – Mateus 28:19-20 e Romanos 10:14-17.

3.2 As declarações de Davi e Salomão

Das objeções mais comuns que encontro, as declarações de Davi e Salomão, na ocasião de louvor no retorno da arca da aliança para Jerusalém e a oração de consagração do templo respectivamente, são sempre citadas como refutações inquestionáveis de que havia sim um compromisso missionário do povo de Deus no contexto veterotestamentário. Analisaremos primeiramente o louvor de Davi, em seu devido contexto, registrado em 1 Crônicas 16:1-9:

“Eles trouxeram a arca de Deus e a colocaram na tenda que Davi havia armado e ofereceram holocaustos e sacrifícios pacíficos perante Deus. Depois que terminou de oferecer os holocaustos e sacrifícios pacíficos, Davi abençoou o povo em nome do SENHOR. Então deu um pedaço de pão, um de carne e um bolo de passas a todos em Israel, tanto a homens como a mulheres. Ele também designou alguns dos levitas para ministrarem diante da arca do SENHOR, para celebrarem, agradecerem e louvarem ao SENHOR, Deus de Israel. [...] Nesse mesmo dia, pela primeira vez, Davi deu a Asafe e a

seus irmãos o encargo de ministrarem louvores ao SENHOR: Rendei graças ao SENHOR, invocai o seu nome; fazei conhecidos entre os povos os seus feitos. Cantai-lhe, louvai-o, falai de todas as suas obras maravilhosas” (AS21).

“Fazer conhecido entre os povos os seus feitos” não deve ser reconhecido como declaração de compromisso missionário da parte de Davi. É preciso primeiramente lembrar que o contexto é o retorno da Arca da Aliança das mãos dos gentios a partir da perspectiva de um cronista pós-exílico. Essa narrativa é uma versão expandida de 2 Samuel 6, que, por sua vez, é desdobramento da narrativa de 1 Samuel 4 a 6. O retorno da Arca se dá por meio de eventos sobrenaturais da parte de Deus entre os gentios. Deus operou grandes feitos na presença dos gentios para exaltação de seu nome, e o retorno da Arca para seu povo foi notória obra divina, veja a narrativa de 1 Samuel 6:1-12. Observe também que há menção dos feitos realizados por Deus entre os egípcios no advento de libertação no êxodo.

Se deixarmos as lentes de uma missiologia neotestamentária de lado, que envolve um compromisso com o ‘ide’, para tentar enxergar o texto em seu próprio contexto, perceberemos que a declaração de Davi em seu louvor em 1 Crônicas 16 não tem “sabor” de convocação para qualquer engajamento missionário indo às nações, mas simplesmente o chamamento do povo de Deus para ser um estandarte de Deus entre as nações para atraí-los. Veja como o Salmo 98:1-3 pode nos ajudar a ler a declaração de 1 Crônicas 16 com os olhos de um leitor daquela mesma época e contexto:

“Cantai um cântico novo ao SENHOR, porque ele tem feito maravilhas; sua mão direita e seu braço santo lhe alcançaram a vitória. O SENHOR tornou conhecida sua salvação, manifestou sua justiça perante os olhos das nações. Lembrou-se da sua misericórdia e da sua fidelidade para com a casa de Israel; todas as extremidades da terra viram a salvação do nosso Deus” (AS21).

Os atos de Deus em favor de seu povo eleito são os atrativos para as nações na proposta missionária do tipo “vem e vê”. Os feitos de Deus são realizados diante dos olhos das nações, todas as nações presenciaram a salvação que Deus deu a seu povo. E o Salmo 66 não nos deixa dúvida de que o apelo missionário envolvendo as nações é do tipo “vem e vê”:

*“Aclamai a Deus, toda a terra. Cantai a glória do seu nome, dai glória em seu louvor. Dizei a Deus: Como as tuas obras são grandiosas! Teus inimigos se submetem a ti pela grandeza do teu poder. Toda a terra te adora e te canta louvores; eles louvam teu nome. **Vinde e vede as obras de Deus, seus feitos tremendos para com os filhos dos homens.** Converteu o mar em terra seca, e eles atravessaram o rio a pé; ali nos alegramos nele. Pelo seu poder, ele governa para sempre, seus olhos vigiam as nações; que os rebeldes não se exaltem” (AS21, grifo nosso).*

Sempre que os povos são convidados pelos salmistas para renderem louvor ou qualquer reconhecimento da soberania de Deus, o mesmo é feito ancorado nos feitos de Deus pelo seu povo eleito, o que pode ser facilmente verificado nos textos já analisados e também, para citar mais alguns, nos Salmos 22, 33, 67, 102 e 105.

“As nações temerão o nome do SENHOR, e todos os reis da terra, a tua glória, quando o SENHOR edificar Sião e se manifestar em glória” (Salmo 102:15-16 – AS21, grifo nosso).

“Rendei graças ao SENHOR, invocai o seu nome; anunciai seus feitos entre os povos” (Salmo 105:1 – AS21, grifo nosso).

A expressão “entre os povos” que aparece em 1 Crônicas 16, no Salmo 105 e alhures talvez mereça uma análise exegética. Em hebraico, o termo בְּעַמִּים tem por prefixo a preposição בְּ , que seria indicação de lugar. Essa é a segunda preposição mais frequente no hebraico bíblico e seu sentido é basicamente espacial. A preposição marca uma localização ou área dentro (em meio a) de um domínio (cf. WALTKE, 1990).

A interpretação de Cantares 1:9 tem sido questionada por alguns exegetas com base no diverso significado dessa mesma preposição. Vejamos o texto: $\text{לְסִסְתִּי בְּרִכְבֵּי פָרְעֹה דְּמִיִּיךָ רַעֲיָתִי}$.

A tradução literal apresentada pelo Biblehub para o referido prefixo no texto (בְּרִכְבֵּי) traz “entre” (“among”, em inglês): “to a company of horses **among** the chariots of Pharaoh, I have compared you, O my love” (grifo nosso).⁵

Há uma outra informação importante que contextualiza e ampara a tradução do prefixo nesse texto por “entre as carruagens”. Como tática de guerra, éguas no cio eram soltas no campo de batalha para agitar e confundir os cavalos e atrapalhar a perícia dos cavaleiros. Assim, a intenção do autor de Cantares era dizer que sua amada era tão irresistivelmente atraente para ele quanto era uma égua no cio entre os cavalos de faraó. A figura de linguagem utilizando coisas concretas é funcional para um povo semita de uma época e cultura em que a linguagem mais abstrata seria mais difícil de entender. O resultado ainda é um pouco grosseiro para o crivo feminino de hoje, mais “suavizada” que a crua comparação com a égua de faraó como está na tradicional tradução de Almeida, mas muito melhor contextualizado. Observe como os tradutores da NVT trabalharam o texto de Cantares para expressar essa possível intenção do autor: “você é cativante, minha querida, como uma égua entre os cavalos de faraó”.

⁵ Disponível em <<http://biblehub.com/text/songs/1-9.htm>>, acessado em 31 de dezembro de 2016.

Lembrando-se do que já fora mencionado pelas citações de Gerard Van Groningen e Geerhardus Vos acima, Israel fora colocado em posição privilegiada “literalmente” entre as nações para testemunhar do amor de Deus e assim atraí-las, servindo de canal de benção para elas. Assim, הוֹדִיעוּ לְבָנֵי הָאֲדָמָה (fazer conhecido entre as nações) deve ser entendido como o Israel servindo de arauto das benções de Deus em sua posição de destaque entre as nações. No salmo 145:12 (לְהוֹדִיעַ לְבָנֵי הָאֲדָמָה) encontramos a mesma relação entre o verbo “anunciar”, derivado da raiz הוֹדִיעַ, e o substantivo masculino plural no estado construto “filhos de” como objeto indireto do verbo לְהוֹדִיעַ, o mesmo verbo do Salmo 105, agora, com o emprego de outra preposição para marcar o substantivo como objeto do verbo. Compare: לְהוֹדִיעַ לְבָנֵי הָאֲדָמָה. A preposição לְ tem sentido também muito variado. Na conjugação dos verbos hebraicos, essa preposição indica o infinitivo construto dos verbos flexionados, mas uma atribuição comum nas Escrituras Sagradas é sua função de indicação de dativo, i.e., objeto indireto, indicar que o substantivo a qual está adicionado como prefixo é “recedor” (é objeto) da ação do verbo na oração. Fica claro, portanto, que os “filhos” são os recedores da ação expressada pelo verbo anunciar, o mesmo não pode ser compreendido de הוֹדִיעוּ לְבָנֵי הָאֲדָמָה do Salmo 105, cuja relação entre os termos não é de objeto, mas sim adverbial de lugar.

É óbvio que o sentido final é que as nações cheguem ao conhecimento de Deus e busquem nEle a salvação, mas a diferença, ainda que sutil, está no método. “Anunciar às nações” denotaria a necessidade de ação do povo de Deus nesse sentido, de ir às nações; já o “anunciar entre as nações” é apenas um convite para se “fazer ouvir” ou “fazer notória” as benções de Deus para seu povo, um chamamento para que Israel cumpra seu papel de ser fiel a Deus, em seu posicionamento geográfico privilegiado entre as nações, para atraí-las. Vem e vê!

A oração de Salomão, como registrada em 1 Reis 8:41-43, também tem sido utilizada como texto base para defender uma preocupação missionária no contexto veterotestamentário.

“— Quando um estrangeiro que vive numa terra bem longe daqui ouvir falar da tua fama e das grandes coisas que tens feito pelo teu povo e vier te adorar e orar a ti com o rosto virado para este Templo, ouve a sua oração. Lá do céu, onde vives, escuta-o e faze tudo o que ele te pedir, para que todos os povos da terra possam te conhecer e temer, como faz o teu povo de Israel. Então eles ficarão sabendo que este Templo que eu construí é o lugar onde debes ser adorado” (NTLH).

A possibilidade de um proselitismo estrangeiro no Antigo Testamento era real, fazia parte da Lei e devia ser observado, e não há como questionar isso. O que tem sido questionado

nesta dissertação é o ímpeto missionário para fazer prosélitos de todas as nações por parte de Israel.

Como já fora mencionado, sempre que há referência a louvores e conversão dos povos ao Deus de Israel, a causa está ancorada nas realizações de Deus em favor de seu povo eleito. É mister observar que a oração de Salomão está centrada nos feitos de Deus pelo seu povo, e Israel é o centro das atenções entre os povos. Israel está estabelecida na palestina, literalmente entre os povos⁶, e a expectativa é que a boa fama da aliança, da relação de Deus com seu povo eleito, se espalhe entre as nações até os confins da terra. Ouvindo dos benefícios do pacto, esse estrangeiro deveria ser atraído a vir adorar a Deus em seu templo. Vem e vê! E, ainda que todos se convertam, atraídos pela oração atendida do estrangeiro que primeiro “veio ver”, Jerusalém será o centro referencial para todos, com seu templo edificado para cultuar o verdadeiro Deus.

Quando analisamos o texto sob essa ótica de visão missionária do tipo “vem e vê”, a oração de Salomão passar a fazer muito mais sentido. A aliança de Deus é com seu povo eleito, em seu relacionamento com Deus, mediante a observação das obrigações do pacto e benefícios dessa relação, os estrangeiros deveriam ser atraídos para conhecer o Deus de Israel e converte-se a Ele, tornando-se, assim, participantes da aliança através do proselitismo.

3.3 O que dizer do movimento proselitista de Mateus 23:15?

“— Ai de vocês, mestres da Lei e fariseus, hipócritas! Pois vocês atravessam os mares e viajam por todas as terras a fim de procurar converter uma pessoa para a sua religião. E, quando conseguem, tornam essa pessoa duas vezes mais merecedora do inferno do que vocês mesmos” (NTLH).

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, vós o tornais duas vezes mais filho do inferno do que vós” (AS21).

Em breve nota de rodapé, a Bíblia de Jerusalém (2002) menciona que esses prosélitos são pagãos convertidos ao judaísmo, devido à ativa campanha judaica no mundo grego romano. Esse entendimento é bem comum; afinal, “atravessar mares e terras para fazer um prosélito” faz realmente parecer que o contexto imediato só poderia considerar a busca por conversão de estrangeiros. Não estou dizendo que se trata de mera dedução dos comentaristas da Bíblia de Jerusalém, mas eles também não oferecem fontes para tal afirmação. Ainda que o aparente contexto de textos bíblicos e fontes externas apontem para

⁶ Entre as principais civilização da época como o Egito, Assíria e Babilônia.

um proselitismo estrangeiro massivo, precisamos verificar um contexto mais amplo para determinar a origem desses prosélitos e entender melhor o suposto ativismo judaizante que Jesus critica, como registrado por Mateus.

Prova de tal campanha missionária proselitista no mundo grego romano é escassa. Alguns comentaristas fazem referência ao “fato” sem, contudo, apresentar fontes para provar o que afirmam, o que dificulta a pesquisa. Todavia, ao iniciar uma busca sobre o assunto, encontram-se afirmações do contrário. Claude Tassin afirma em seu livro (1987, p.67) que não há evidências arqueológicas descobertas até o momento que possam provar um movimento massivo de proselitismo na diáspora. O comentário de Cambridge Bible for Schools and Colleges⁷ para Mateus 23:15 afirma que o judaísmo sempre foi e ainda é uma religião não-missionária, ainda que algumas campanhas de conversão possam ter existido em alguns momentos de sua história. Martin Goodman (Mission and Conversion: Proselytizing in the Religious History of the Roman Empire [Oxford: Oxford University Press, 1994]) nega completamente a existência de movimento proselitista de gentios no primeiro século.

Na verdade, os prosélitos eram considerados um empecilho para o cumprimento escatológico do Messias. Veja comentário de John Lightfoot⁸ para Mateus 23:15:

“The Talmudists truly speak very ill of proselytes: “Our Rabbins teach, that proselytes and Sodomites hinder the coming of the Messias. Proselytes are as a scab to Israel.” The Gloss; “For this reason, that they were not skilled in the commandments, that they brought in revenge, and moreover, that the Israelites perchance may imitate their works...”⁹

Ainda desterrados, os judeus precisavam cultivar sua cultura e manter suas práticas religiosas para preservar sua identidade como povo em terra estrangeira. É no pós-exílio, na diáspora, que as sinagogas ganham força como centros de preservação da identidade judaica entre os pagãos. Precisamos nos lembrar que a reforma da Esdras e Neemias marcou o início de uma fase de grande xenofobia por parte dos judeus (cf. Esdras 10:10-44 e Neemias 13:23-30). O anseio de não cometer os mesmos pecados e voltar a sofrer a punição de Deus, que foi o exílio (esse sentimento está claro no comentário talmúdico acima), Israel é tomado por um espírito de comprometimento e zelo pela lei de Deus, o que gera, inevitavelmente, um severo

⁷ Disponível em <<http://biblehub.com/commentaries/matthew/23-15.htm>>, acessado em 02 de janeiro de 2017.

⁸ Disponível em <<http://www.biblestudytools.com/commentaries/lightfoot-new-testament/matthew/23.html>>, acessado em 02 de janeiro de 2017.

⁹ Tradução livre: “Os talmudistas realmente falam muito mal de prosélitos: “Nossos Rabinos ensinam que prosélitos e sodomitas impedem a vinda do Messias. Os prosélitos são como uma crosta para Israel”. O brilho; “Por esta razão, que eles não eram hábeis nos mandamentos, que eles trouxeram em vingança, e além disso, que os israelitas por acaso pudessem imitar suas obras ...”

separatismo. O objetivo de voltar a ser uma nação santa, separada, nunca seria realizado se os judeus voltassem a se misturar com os estrangeiros e fossem tolerantes na sua assimilação. O separatismo inaugurado em Esdras e Neemias se agrava com a revolta dos Macabeus. Não é de se admirar o surgimento de desprezo por gentios e resistência ao proselitismo estrangeiro. Os judeus mantinham grande orgulho, o que podia ser confundido com sentimento odioso, movido pelo zelo e amor pela Lei de Deus, pelo ideal de ser um povo santo e dedicado a Deus. Contudo, isso contribuiu para o sentimento de desprezo pelo bem-estar dos gentios, pois estes pecavam e ignoravam a Lei de Deus. John Bright ampara o que fora dito por John Lightfoot quanto aos gentios atrapalharem o brilho de Israel (cf. BRIGHT, 1976, p.604-608).

Se havia tanto desinteresse pela conversão dos gentios no judaísmo, o que podemos entender de Mateus 23:15 afinal? Há muitas tentativas de explicar a aparente incongruência do texto com seu contexto histórico. Uma possibilidade é entender o “cruzar terras e mares” como linguagem hiperbólica e não, necessariamente, como referência real a uma expedição missionária a terras estrangeiras. É uma possibilidade viável de interpretação para o texto, uma vez que encontramos outra figura de linguagem exagerada na mesma perícopes: Mateus 23:24. Contudo, sabemos que havia sim uma presença judaica significativa em todo o mundo grego romano, e sinagogas estavam espalhadas por todos os lugares do domínio romano, principalmente na ásia menor.

“...a população de Israel não foi contida somente em seu território como as outras nações, pelo contrário, ela espalhou-se por toda a face da terra, em todos os continentes [do mundo conhecido em sua época], e em toda a ilha” (YONGE, 1993, p.777).

“O período romano-helenístico é caracterizado por um aumento no número de judeus em todo o mundo civilizado. Centenas de milhares de judeus viviam na Babilônia, Síria, Chipre, Ásia Menor, Egito, Cyreica, as ilhas do Dodecaneso, Grécia e Itália. O seu número cresceu de geração em geração pelo efeito combinado do aumento natural, a migração da Palestina e conversões para o Judaísmo, que atingiu proporções recordes durante a geração anterior à destruição do Templo” (MAZOR e DAVIS. 1963, p.127).

A mesma evidência, podemos perceber na leitura de Atos 2:5, 9-11 (NTLH):

“Estavam morando ali em Jerusalém judeus religiosos vindos de todas as nações do mundo. [...] da Pártia, da Média, do Elão, da Mesopotâmia, da Judeia, da Capadócia, do Ponto, da província da Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia que ficam perto de Cirene. Alguns de [...] de Roma. Uns são judeus, e outros, convertidos ao Judaísmo. Alguns são de Creta, e outros, da Arábia...”

O longo exílio causa mudanças profundas em muitos aspectos da identidade judaica. O povo deixa de falar o hebraico e adota o aramaico como língua vernacular, o idioma de seus

conquistadores no exílio. Quando retornaram do exílio para a reconstrução de Jerusalém, a reforma religiosa enfrentou sua primeira transformação para manter sua identidade e acessibilidade ao povo: as escrituras são traduzidas para o aramaico. Possivelmente essa tradução foi oral, como podemos ver em Neemias 8:7-8 (cf. FONSECA, 2015, p.11), e, posteriormente, temos os Targumim. A diáspora, que segue o exílio como nova realidade do povo, promove a proliferação das sinagogas como tentativa de manter a identidade judaica intacta entre os povos pagãos. A cultura helênica é tão forte que influenciou os romanos para além do puro sincretismo cultural, talvez, o primeiro caso na história em que a cultura do povo conquistado se impõe sobre a cultura do conquistador tão profundamente. Os pedagogos da elite romana eram gregos! Nada foi diferente com os judeus inseridos nesse mesmo contexto. A helenização de judeus foi tão significativa que alguns até se submetiam à cirurgia plástica (cf. epispasmo) para desfazer a circuncisão e participarem da cultura helênica com mais liberdade e sem constrangimento, como os jogos olímpicos praticados por esportistas nus ou discussões políticas, comuns nas saunas romanas. Essa prática de “circuncisão reversa” é mencionada em 1 Macabeus 1:15.

A partir do domínio macedônio, o grego passou a ser a língua materna para esses judeus helenizados da diáspora, o que provavelmente forçou a produção de uma tradução das Escrituras Sagradas para o grego, conhecida como Septuaginta.

Considerando a apostasia judaica, como registrada em Macabeus, a completa helenização de muitos judeus, principalmente fora de Jerusalém, e a atividade das sinagogas espalhadas em todo domínio grego romano para manutenção da identidade judaica, pontos já trabalhados acima, é possível deduzir que todo o aparente labor “missionário” dessa época fosse motivado pelo bem-estar dos judeus da diáspora. Uma vez presentes entre os gentios, claro, o proselitismo de estrangeiros seria uma consequência secundária de seus esforços; mas o que seria ainda mais intrigante seria descobrir que o termo prosélito poderia se referir ao gentio convertido ao judaísmo como também ao judeu “reconquistado”. Vejamos o que diz Martin Noth (1966, p.312) sobre o proselitismo em Alexandria:

*“A partir del siglo III, un grupo importante de miembros de la comunidad religiosa de Jerusalén fue reuniéndose en la capital real de Alejandría. Debía de estar compuesto por algunos de los descendientes de los antiguos emigrados del Bajo Egipto, junto con otros recién llegados atraídos por la rápida prosperidad de la ciudad. Este grupo adoptó la lengua griega que prevalecía en Alejandría en lugar del arameo. Y Alejandría pronto se convirtió en uno de los centros más destacados de una Diáspora helenística, de lengua griega, al igual que ocurrió en otras ciudades helenísticas del Mediterráneo oriental. **Algunos grupos de israelitas, desperdigados desde tiempo atrás, se unieron a los nuevos elementos, atraídos por el culto y la fe de la comunidad jerosolimitana, y se sometieron a su «Ley», siendo***

designados con el nombre de prosélitos (προσήλυτος), es decir, los «recien venidos». Entre estos grupos que sabían muy poco o nada del hebreo del AT y del arameo vernáculo de los israelitas residentes en Palestina, se hizo necesaria una traducción griega de los libros sagrados de la comunidad religiosa de Jerusalén, que consistían en primer lugar en la «Ley» (Pentateuco)” (grifo nosso).

Aceito a possibilidade de uma linguagem hiperbólica empregada em Mateus 23:15, mas isso não desfaz a ideia de que havia, de alguma forma, um empenho proselitista entre os líderes religiosos que Jesus está criticando, apenas reduz o escopo da atividade missionária em terras estrangeiras, mas não o nega inteiramente. Isso não resolve nosso problema com a interpretação do texto. É possível, por outro lado, deduzir que o empenho “missionário proselitista” em terras estrangeiras tenha de fato existido, mas com uma motivação diferente: a unidade dos judeus e o resgate dos judeus helenizados, também chamados de prosélitos.

Portanto, o aparente empenho missionário visto em Mateus 23:15 não entra em conflito com minha proposta interpretativa para a realidade missionária entre as alianças, uma vez que a motivação não procedia de uma consciência missionário de conversão de gentios, mas de seus próprios patrícios. A conversão dos gentios era secundária e, na verdade, até evitada, como já verificamos em citações anteriores.

3.4 O que dizer de Jonas e os ninivitas?

Já foi mencionado que a revelação é progressiva. Aquilo que estava oculto no Antigo Testamento foi revelado, i.e., foi realizado no Novo Testamento. É claro, portanto, que a inclusão dos gentios no pacto foi sutilmente anunciado em alguns profetas, mas ainda não realizado de fato. Afinal, aquilo que Paulo chama de mistério de Deus, que estava oculto no passado, não foi algo simplesmente retirado do nada, como revelação própria. Na verdade, tudo estava muito bem embasado naquilo que Deus já havia revelado nas Escrituras Sagradas.

O universalismo missionário, i.e., a oferta de salvação para todas as nações no lugar do exclusivismo do povo eleito, é vislumbrado, por exemplo, em Isaías logo nos primeiros capítulos (Isaías 2:17), ainda que isso não implique necessariamente compromisso missionário. Essa nova realidade revelada terá seu ápice na mensagem do dêutero-Isaías (Isaías 40:5, 45:23, 49:7, 52:10 e 55:5), mas a esperança que vem dessa mensagem profética se realiza de modo gradual. (cf. SCHMIDT, 2014, p.441-445)

O que pode, também, ser visto em outros profetas como Zacarias 8:20, 23 e Amós 9:7-8 é apresentado de forma muito mais dramática em Jonas. Enquanto a menção de uma esperança *universal* no lugar da *particular* está “secundariamente” verbalizada nos

profetas, em Jonas, temos a mensagem de esperança dos profetas traduzida em ações para as nações, particularmente os ninivitas.

O livro de Jonas é uma quebra de paradigma em muitos sentidos. A obediência e pronto arrependimento dos ninivitas servem de contraste ao comportamento rebelde do povo eleito e do próprio profeta. O comentário de rodapé da Bíblia de Jerusalém (2002) traz uma nota digna de menção sobre a universalidade da misericórdia divina:

“Este último capítulo destaca a universalidade da misericórdia divina. Deus teve piedade de seu profeta engolido pelo peixe (2:7) e de Nínive arrependida; tem também piedade de Jonas afligido pelo seu egoísmo. E sua resposta (4:10-11) está cheia de ironia doce e benevolente; a solicitude divina estende-se até aos animais; com muito mais razão, portanto, preocupa-se ele com os homens, inclusive com as criancinhas, ‘que não distinguem entre direita e esquerda’. O livro todo prepara, assim, a revelação evangélica e particularmente o evangelho de Lucas.”

A Bíblia de Estudo NTLH (2012) também traz uma nota de mesmo teor: “o amor de Deus por aqueles que não são do povo de Israel atingiu seu ponto alto em Jesus Cristo (Mateus 8:10-12; 28:18-20)”.

Fica claro, portanto, que a mensagem profética em Jonas, ainda que diferente dos demais profetas por estar representada não verbalmente apenas, mas por ações concretas, faz parte do mesmo conjunto de revelação veterotestamentária das intenções de Deus de incluir todos os povos em seu pacto para a salvação no futuro, a ser realizado no novo pacto inaugurado por Cristo.

A própria narrativa da história de Jonas em sua resistência à ordem de Deus de anunciar a mensagem de Deus aos ninivitas reforça o entendimento veterotestamentário do povo de Deus de que os povos pagãos não mereciam ser alvo da misericórdia divina, fruto da visão exclusivista dos eleitos que predominava em seus dias. O fato de Deus ter forçado o profeta a fazer sua vontade e assim revelar que chegava o tempo em que ele desejaria salvar todos os homens, sem distinção, não entra em contradição com as premissas desta dissertação. Concordo, portanto, com o parecer dos comentaristas da Bíblia de Jerusalém (2002) em que Jonas figura como um preparativo para a nova aliança que será anunciada com o advento do Messias, sem, necessariamente, impor qualquer chamamento para missões no âmbito de seu próprio contexto.

CONCLUSÃO

“Vem e vê, vai e apresenta”. Assim é dividida a natureza missiológica do povo de Deus nas duas alianças. Considerando a progressão da revelação divina em seu relacionamento com o povo eleito no contexto veterotestamentário, levando em conta sua cosmovisão de mundo, pois Deus é um ser cognoscível em sua comunicação com o homem e sempre se comunica em linguagem humana impregnada de suas próprias idiossincrasias e visão de mundo, o plano soteriológico de Deus evolui da eleição de um só povo, formado pela descendência de um patriarca, Abraão, estabelecido em um pacto étnico, para uma proposta de salvação universal, i.e., uma oferta de salvação inclusiva que abarcaria todas as famílias da terra!

É evidente que este desejo de Deus de salvar todos os homens, independentemente de suas origens étnicas, estava revelado nas Sagradas Escrituras desde sua promessa de bem-aventurança a Abraão (Gênesis 12:3). Contudo, esse plano soteriológico passa por dois métodos:

- 1) Israel, em seu relacionamento com Deus, deveria ser um atrativo entre as nações para revelar aos povos pagãos, entregues à idolatria de falsos deuses, o verdadeiro Deus; sem, contudo, implicar empenho missionário. Uma vez atraídos, o proselitismo era o meio pelo qual os convertidos se tornariam participante do pacto junto com os judeus. É assim que Deus lida com seu povo eleito e também como trata os outros povos, até que sua revelação evolua para mostrar ao povo eleito que este exclusivismo estava com dias contados, no raiar do messianismo, visível no universalismo missionário típico dos escritores do pós-exílio.
- 2) Somente no Novo Testamento encontramos o compromisso missionário para a conversão dos gentios realizado. Se antes, no relacionamento de Deus com os homens, os gentios eram ignorados e não receberam dEle a revelação e a promessa, que era exclusiva dos eleitos (Atos 14:16, 17:22-31; Efésios 2:11-12),

agora sim eram convidados ao arrependimento, recebidos no novo pacto pela fé no seu Filho, independentemente de etnia.

Quando os povos são convidados a reconhecer o verdadeiro Deus e adorá-lo, ou quando o oráculo profético fala da conversão dos gentios no contexto veterotestamentário, a clave interpretativa predominante ainda deve ser a do tipo “vem e vê”, integrando os gentios ao pacto por meio do proselitismo sem o compromisso missionário por parte do povo de Deus. O único chamamento “de compromisso missionário” do povo de Deus é o de ser fiel ao pacto para fazer Israel brilhar entre as nações para atrair os de fora. Christopher J. H. Wright (2014, p. 496) oferece uma metáfora interessante:

“No final, as nações saberão que o relacionamento de Deus com Israel não tinha, para elas, o mero propósito de ser objeto de admiração ou de horror. Toda a história visava, no fim, ao bem das nações. Ou, para continuar com a metáfora dos espectadores, o drama estava sendo encenado em benefício da plateia.”

A observação do pacto exigia a separação do povo eleito dos gentios. Esse distanciamento era necessário para não contaminar o povo santo em sua relação com os pagãos. Se os gentios fossem convertidos e admitidos por meio do proselitismo, precisavam ter o cuidado de não permitir sincretismo, o que infelizmente aconteceu, exemplo notório, com Salomão e suas mulheres, fazendo o povo quebrar o pacto.

Sofrendo o exílio por causa do pecado, gerado pela adoção de práticas pagãs proibidas pelo pacto, o povo de Deus volta do exílio com extremado zelo, agravando o separatismo. Essa rejeição dos gentios é tão grave no pós-exílio, como já podemos constatar com citação de um talmudista, que perdurará até o período dos apóstolos no primeiro século. Haja vista a dificuldade de Pedro, por exemplo, em aceitar o convite de Cornélio (Atos 10:1-34), atitude resistente à conversão de gentios que se alinha com o comentário de John Lightfoot. Podemos ainda ressaltar que Nicodemos, influenciado pelo mesmo pensamento predominante contra os gentios, considerados responsáveis pelo adiamento da vinda do Messias, além do sentimento de exclusividade do povo eleito, acreditava que o Messias seria enviado apenas para os judeus, mas João enfatiza que o Messias é resultado do amor de Deus pelo mundo, i.e., todos os homens e não só Israel.

A transição do compromisso missionário entre o “vem e vê” e o “vai e apresenta” é paradigmática e lenta. Esse aforisma foi plenamente revelado e resolvido no período apostólico, mas ainda precisamos lidar com ele. O apóstolo Paulo entendeu sua nova responsabilidade, como eleito de Deus, de ser o apóstolo dos gentios, cumprir sua missão de

“ir e apresentar” as boas novas de Cristo. Ainda há gentios, perdidos e sem Deus no mundo (Efésios 2:11-12), e precisamos cumprir com nossa parte no “ide”: vai e apresenta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Cristiane Ribeiro de Mello. O pensamento econômico e social de Martinho Lutero. Revista Âncora, 19 f. Disponível em <http://www.revistaancora.com.br/revista_1/03.pdf>, acesso em 22 de janeiro de 2017.

Bíblia – Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

Bíblia – Almeida Século 21. Editora Vida Nova, 2010.

Bíblia – Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: SBB, 1993.

Bíblia de Estudo NTLH. Baurueri, SP: SBB, 2012.

Bíblia de Estudo NVI. Org. Kenneth Barker et al. São Paulo: Editora Vida, 2003.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulus, 1ª edição, 2002.

BRIGHT, John. História de Israel. São Paulo: Editora Paulinas, 3ª edição, 1978.

CARSON, D. A. O Comentário de João. Tradução de Daniel de Oliveira & Viviam do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

_____. O Comentário de Mateus. Tradução Lena Aranha & Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

CARSON, D. A. e MOO, Douglas J. An introduction to the New Testament. Michigan: Zondervan, 2nd Edition, 2005.

CHAMPLIN, Russell Norman. O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo. Dicionário, M – Z, volume 7. São Paulo, Hagnos, 2001.

COMENTÁRIO Bíblico Beacon. Rio de Janeiro, CPAD, 2012.

FABRIS, Rinaldo. Paulo: apóstolos dos gentios. São Paulo: Paulinas, 2001.

FEINBERG, John S [Editor e Org.]. Continuidade e Descontinuidade: perspectivas sobre o relacionamento entre o Antigo e o Novo Testamentos. São Paulo: Hagnos, 2013.

FONSECA, André Ribeiro. Em espírito e em verdade: a adoração que Deus procura receber! Ebook, 2015. Disponível em: <<http://www.andrerfonseca.com/ebooks.html>>

_____. A Bíblia na Língua de Povo: a palavra de Deus em linguagem clara para todos os brasileiros! Ebook, 2015. Disponível em: <<http://www.andrerfonseca.com/ebooks.html>>.

GOODMAN, Martin. Mission and Conversion: Proselytizing in the Religious History of the Roman Empire. Oxford: Oxford University Press, 1994.

GRONINGEN, Gerard Van. Criação e Consumação, vol. 2. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

GUNDRY, Robert H. Panorama do Novo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.

GUTHRIE, Donald. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HALE, Broadus David. Introdução ao Estudo do Novo Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

HEISER, Michael. Monotheism, Polytheism, Monolatry, or Henotheism? Toward an Assessment of Divine Plurality in the Hebrew Bible. Faculty Publications and Presentations. Paper 277, 2008. Disponível em: <http://digitalcommons.liberty.edu/lts_fac_pubs/277>, acessado em 10 de dezembro de 2016.

KAISER, Walter C. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2007, 2ª ed.

KISTEMAKER, Simon J. Comentário do Novo Testamento: Tiago e Epístolas de João. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2001.

LIGHTFOOT, John. A Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica. Disponível em <<http://www.biblestudytools.com/commentaries/lightfoot-new-testament/>>, acessado em 02 de janeiro de 2017.

MAZOR, Benjamin e DAVIS, Moshe. *The Illustrated History of the Jews*. New York, N.Y.: Harper and Row, 1963.

NOTH, Martin. *Historia de Israel* [título original: *Geschichte Israels*, tradu. Prof. Dr. Juan A. G.] Barcelona: Garriga Impresores, S.A. 1966.

REGA, Lourenço Stelio [Org.]. *Paulo e sua teologia*. São Paulo: Editora Vida, 2009, 2ª edição.

RIDDERBOS, Herman. *A Teologia do Apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. São Paulo, Cultura Cristã, 2004.

RUSSO, Bárbara Ferreira. *Os impactos da reforma protestante na educação*. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação (monografia), 2012, 58 f.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento* [tradução: Vilmar Schneider]. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2014.

SILVA, Márcia Cristina Amaral da. *A educação no Brasil holandês (1630-1654): As influências da religião cristã reformada*. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 27 f. Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/M/Marcia%20cristina%20a%20da%20silva.pdf>, acessado em 22 de janeiro de 2017.

TRABALHOS/M/Marcia%20cristina%20a%20da%20silva.pdf>, acessado em 22 de janeiro de 2017.

TASSIN, Claude. *El judaísmo: desde el distierro hasta el tiempo de jesus*. Navarra: Editora Verbo Divino, 1987.

TAYLOR, Richard S. *Comentário Bíblico Beacon*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

TITILLO, Thiago Velozo. *A contribuição dos reformadores para a educação pública*. Revista pos-escrito, Faculdade Batista do Rio de Janeiro, 2015, 19 f. Disponível em: <<http://www.fabat.com.br/posescrito/pdf/revista07/07-05-TITILLO-Thiago.pdf>>, acessado em 22 de janeiro de 2017.

VOS, Geerhadus. *Teologia Bíblica*. Tradução de Alberto Almeida de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WALTKE, Bruce K. An introduction to biblical Hebrew syntax. Eisenbrauns: Winona Lake, Indiana 1990.

WRIGHT, Christopher J. H. A Missão de Deus: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.

YONGE, C. D [trad.]. The Works of Philo: Complete and Unabridged. Peabody: Hendrickson, 1993.

ZUCK, Roy B. Teologia do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ZUCK, Roy B. Teologia do Antigo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.